

ADEUS SOLIDÃO

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Ditado pelo Espírito
Emmanuel

INDICE

ADEUS SOLIDÃO

Apresentação
Adeus Solidão
Carlos Alberto Bezerra Da Silva
Carlos André Picanço Filho
Carlos Eduardo Frankenfeld De Mendonça
Sr. Carlos Gomes
Charles Jean Bueno Weishaar
Douglas Labate
Emília Rodrigues
Felicidade De Fátima Alves
João Batista Mamede Da Silva
Leonardo Henrique Moglié
Lúcio Manoel Larsen Ricciardi
Mário Neves
Mauro Antônio Campos Paiva
Rosemari Daurício
Sérgio Luiz De Moura
Sidney Fava

APRESENTAÇÃO

Amigos desencarnados nas mais diversas faixas etárias assinam as mensagens que compõem este livro.

Desde o pequeno Carlinhos à veneranda D. Emília, todos os dezesseis autores espirituais trazem aos familiares sua palavra de alento e esperança, lembrando-lhes a clara realidade: - não morreram, encontram-se, qual nos assinala Emmanuel, domiciliados no Mais Além.

Agradecemos aos familiares de nossos companheiros espirituais pela compreensão e carinho com que conosco colaboraram para a redação dos comentários e notas de rodapé e desejamos aos leitores possam recolher as bênçãos de conforto e esclarecimento das inspiradas páginas recolhidas à Vida Maior pela psicografia de Francisco Cândido Xavier.

São Bernardo do Campo, 15 de maio de 1982.

CAIO RAMACCIOTTI

ADEUS SOLIDÃO

Emmanuel

Leitor amigo:

Nas horas de provação e tristeza, não te deixes abater por amargura e desencanto. Sobretudo, nos momentos em que, porventura, te suponhas a sós para solucionar graves problemas ou contornar determinados obstáculos, ante os desafios construtivos da existência, recorda que amigos, hoje domiciliados no Mais Além, te inspiram e te assistem, amparando-te as decisões e calminhos.

Este livro despretenhoso é uma demonstração do que afirmamos.

Aqui, nestas páginas simples, encontrarás o intercâmbio entre criaturas amadas cuja afeição recíproca a morte não conseguiu apagar ou esmaecer.

Leiamos estas notícias e recados do Mais Além para a Terra e observaremos que neste volume se destaca a presença da esperança, como a dizer-nos, em nome de Deus e em nome da Vida Imperecível: "adeus, solidão".

Emmanuel
Uberaba, 15 de maio de 1982.

CARLOS ALBERTO BEZERRA DA SILVA

Filho de João Bezerra da Silva e de Josefa Salvador da Silva, Carlos Alberto Bezerra da Silva nasceu em São Paulo, a 3 de fevereiro de 1964.

Alegre, vivo, cursava o 3.º primário, aos 10 de idade, quando sofreu acidente ao tentar apanhar sua pipa que caíra em telhado avariado de casa vizinha. As telhas não resistiram ao peso do Carlinhos e cederam. Faleceu a 23 de julho de 1974.

Sobre o texto que se segue, recebido cerca de um ano e meio após a desencarnação do menino, assim se expressaram seus pais:

"Parece que a gente recomeçou a viver. A família se isolara do mundo, não se saía de casa, foi todo um ano sem televisão, só de tristezas. Apenas encontrávamos consolo nas mensagens do Chico Xavier.

O mundo tinha acabado e nosso desejo era morrer, para encontrar o filho.

Suas palavras, pela mediunidade de Chico Xavier, foram qual a primavera, colocando cor na natureza, depois do inverno."

Querida mãezinha, peço a bênção.

Estou aqui, auxiliado por tio José,¹ a fim de pedir ao seu coração e pedir ao meu pai não chorarem mais.

Mamãe, estou bem cansado ainda. Fale com papai que a alegria deve estar em nossa casa. Edson e Verinha² e tantos mais...

Não demorei mais tempo, porque o meu tempo não podia ser maior.

Mamãe, a senhora não acha que já sofri muito, caindo do telhado? A senhora pode avaliar que não tive muita facilidade para me ver com a dor de cabeça e com as lágrimas de nossa casa.

Peço para que me perdoem, se alguém julga que fui imprudente. Não sei, mãezinha, mas eu sempre olhei para o céu, pensando que as pipas poderiam levar preces a Deus...

Ficar vendo o azul e pensarem Deus... Creio que isso me aconteceu, porque devia passar pelo que eu passei.

Rogo ao papai ficar alegre e corajoso. Estou fazendo um tapete invisível³ de orações para agasalhar o coração dele, porque a saudade para nós ficou sendo um frio forte demais.

Mãezinha, deixe que seu filho se alegre, vendo que as nossas alegrias voltaram todas para o nosso lar. Meu avô Manoel⁴ me disse para deixar um beijo em suas mãos.

Mãezinha, agradeço à tia Guiomar,⁵ a querida madrinha Guiomar de nós todos, o auxílio que nos proporciona.

Mamãe, precisamos fazer o que acreditamos seja certo. A tristeza não está certa, o luto por dentro da alma não está certo. Digo isso, reconhecendo que a senhora e meu pai estão sempre certos para mim.

Mãezinha, se posso fazer isso, deixo aqui um sorriso para o seu carinho. Um sorriso em forma de oração para que Deus conserve a senhora e papai, com meus irmãos, sempre felizes.

Abrace seu filho e guarde o coração do seu
CARLINHOS

CARLOS ALBERTO BEZERRA DA SILVA 04.02.76

1 - José Ferreira da Silva, tio paterno, falecido um ano antes de Carlos Alberto, no Recife.

2 - Os irmãos, Edson Bezerra da Silva e Vera Lúcia Bezerra da Silva.

3 - Singular revelação: o pai de Carlinhos comercializava tapetes. daí a carinhosa lembrança do filho.

4 - Manoel Francisco Sobrinho, avô materno, desencarnado em 1975.

S – D. Guiomar Albanese, dirigente do Grupo Espírita Perseverança, na capital paulista, freqüentado pelos pais de Carlos Alberto.

CARLOS ANDRÉ PICANÇO FILHO

Gaúcho de Porto Alegre, Carlos André Picanço Filho nasceu a 6 de agosto de 1965, partindo para a Vida Espiritual aos 16 anos incompletos, em decorrência de acidente de trânsito, ocorrido em 17 de junho de 1981.

Filho de Carlos André Picanço e D. Elsa Terezinha Leite Picanço, deixou também três irmãos, Rosemari, Virgínia e Alex, lembrados na mensagem.

Alegre, comunicativo, amigo de todos, tinha, qual nos lembrou o genitor, incrível facilidade para fazer amigos.

O leitor pode compreender o que significou para os pais e irmãos a perda do querido André. Certa feita, algum tempo após a desencarnação, a genitora lembrou ao marido que amigos lhe haviam sugerido que procurasse Chico Xavier, pois, com ele, poderiam conseguir alguma notícia do filho.

Passaram, então, a freqüentar a distante Uberaba com regularidade e, cinco meses após o falecimento, Carlos André escreveu aos pais, pelas mãos de Francisco Cândido Xavier.

Qual o significado para os pais do recado mediúnico do filho? Recolhemos a D. Elsa o seguinte depoimento:

“Dizer da felicidade que a mensagem nos trouxe, não tenho palavras. Só sei que foi uma injeção de ânimo para todos, pois, aprendemos a sorrir novamente.”.

Querido Papai Carlos e querida Mãezinha Elsa, abençoem-me.

Não sei se escreverei como desejo, porque ainda não estou legal como queria, para trazer notícias.

Mas, o meu bisavô Picanço e a vovó Orlandina¹ me trouxeram até aqui, a fim de lhes transmitir algumas informações, e devo afirmar-lhes que estou bem, conquanto a falta de casa.

Chorar, chorei muito e sofrer, penso que sofri, a ponto de estarmos empatados. Mas aprendi a pedir o auxílio de Deus, por aqui, com tal força, que supliquei à vovó me encontrasse um processo de cientificá-los de que não estou em dificuldades.

Creio que as pessoas doentes de muito tempo, pessoas que já se cansaram de remédios e camas, encontram mais facilidades para desembarcar na vida nova em que me encontro, porque em se tratando delas a renovação é sempre para melhor; entretanto, para um rapaz que é transferido sem aviso prévio da vida física para a vida espiritual como sucedeu comigo, o problema é muito difícil, quanto à recuperação da tranqüilidade própria.

Ainda assim, já estou sabendo me virar e rogo-lhes paciência e conformação.

Pai querido, sei que as suas indagações são muitas no silêncio da noite, como se quisesse reencontrar-me de improviso, e compreendo os instantes em que a mamãe se esconde para lembrar-me e chorar. Entretanto venho pedir-lhes fortaleza e confiança em Deus e confiança na vida.

Espero melhorar-me e estou certo de que lhes serei útil.

Lembremo-nos de nossa Rosemari, de nossa Virgínia e de nosso Alex que esperam por nossos cuidados e aceitemos a vida que o Senhor nos concedeu, agora repartida entre os serviços daí e os serviços daqui.

Se não fosse a saudade, diria que estou ótimo. No entanto, uma ausência do amor que deixamos no plano físico é um ponto característico de todos os amigos que vou fazendo por aqui.

Tenhamos aceitação e calma, na certeza de que Deus nos oferece o melhor que sejamos capazes de receber pelas circunstâncias da existência.

O choque passou, o inevitável já se foi. A incompreensão já se desfez, a tempestade já não existe, e, existindo, estamos nós com o nosso amor e com as nossas saudades justas.

Auxiliem-me ambos a ser forte, pois, preciso disso, e abracem os queridos irmãos por mim.

E os queridos Pais estejam na certeza de que continua vivendo e amando-os cada vez mais, o filho do coração, sempre reconhecido.

CARLOS ANDRÉ PICANÇO FILHO 13. 11.81

1 - Vovó Orlandina faleceu em 1977 e o bisavô Picanço há 30 anos.

CARLOS EDUARDO FRANKENFELD DE MENDONÇA

Carlos Eduardo Frankenfeld de Mendonça nasceu em Volta Redonda – RJ, a 18 de setembro de 1965, desencarnando no Rio de Janeiro em 22 de novembro de 1980, com 15 anos.

Filho do engenheiro Aurílio Moraes de Mendonça e da médica Edda Frankenfeld de Mendonça, Carlos Eduardo era criança de temperamento meigo e alegre, muito amigo dos colegas e devotado aos familiares.

Espírita, qual os pais, era dotado de singular religiosidade, mais evidente em seu último ano de vida.

Na semana de sua desencarnação falara aos pais sobre seu crescente desapego às coisas materiais, fato, aliás, confirmado na mensagem de Chico Xavier.

A carta mediúnica foi recebida onze meses após a partida do Carlos e, sobre ela, assim se manifestou o Dr. Aurílio e a Dra. Edda:

“Em 11 de outubro de 1983, recebemos a mensagem que tanto nos incentivou a continuar enfrentando os embates naturais da Vida.

A emoção e alegria que sentimos ao receber as notícias tão novas de informações e novas na esperança do nosso amado filho, através do lápis do querido médium Chico Xavier, são indescritíveis.

A mensagem foi, para todos os familiares em geral, uma embarcação salva-vidas, localizada, de repente, no mar revolto da vida. Para sua mãe em especial, que mais se ressentia da falta física do filho amado, foi o estímulo maior para a difícil readaptação à vida, após transe tão doloroso.”

Querida Mamãe e querido Papai, nossas preces estão reunidas, rogando aos Mensageiros de Jesus por nossa paz.

Conquanto esteja escrevendo a duas mãos, com outras mãos a me protegerem os movimentos, sinto-me em casa para endereçar-lhes minhas notícias, reafirmando os recados que já transmiti.

Compreendo, Mãezinha, a lesão que sofremos. A desencarnação é uma espécie de cirurgia, especialmente em nossas forças psicológicas.

Julga-se que a liberação do corpo mais pesado significa emancipação plena; entretanto, a chamada "morte" não expressa qualquer supressão de laços do pensamento.

Escorados em Papai, principalmente, estamos nós dois no processo de liberação espiritual, um do outro. O seu coração pulsa no meu e as minhas idéias ganham curso em seu cérebro. Não sei, ainda, onde termina a sua influência em mim, tanto quanto não ignoro que o seu entendimento ainda não consegue precisar onde acaba o influxo de minhas vibrações afetivas em seu mundo sentimental.

Já me fiz sentir através da estimada Marli¹ e das faculdades mediúnicas do Papai; no entanto, solicitei esta chance de reiterar as minhas palavras, de modo a solicitar-lhes confiança em Deus e na vida.

Minha memória está nítida. Hoje, 22, assinala o mês que nos falta para completar-se um ano inteiro de saudades enormes.

Minhas recordações estão seguras.

Adormeci, depois das preces habituais, com a intuição de que algo extraordinário estava para acontecer. Antes, havia falado aos pais queridos de minha fase de desligamento natural de todas as questões que me pudessem prender à existência física.

Aquilo não era uma fantasia de menino religioso. Lá dentro - dentro de meu íntimo chegara a certeza de que o meu tempo na estância terrestre estava a escoar-se.² O coração me contava toda a ocorrência próxima e não me enganei.

Dormi, como de hábito, e me senti num sonho de alta beleza. Sentia-me leve, respirando certo ar puro a que não me achava habituado, no cotidiano.

Muitos amigos me assistiam, ou, qual refletia naquela hora, devia eu estar assistindo a muitos amigos.

Conheci, para logo, o nosso querido amigo Dr. Bezerra e procurava adivinhar os nomes de outros amigos e benfeitores presentes, junto de mim.

Rearticulando as imagens que recolhera dos meus dias de atividade em nosso querendo Grupo "Regeneração", reconheci o Dr. Alcides de Castro³ a cujo nome tanto me afeiçoara e um impulso natural me arrastou para o abraço ao Dr. Dias da Cruz⁴ que reconheci, de imediato, guiado por uma inclinação irresistível.

Estava consciente e alegre. Entre as paredes de meu quarto havia uma festa de luz para a qual não me preparara.

Ansioso, embora tranqüilo, se puder-mos dizer que a paz coexiste com a inquietação, notei que uma senhora de semblante calmo e doce veio abraçar-me e disse com voz clara: Querido Carlos, você será bem-vindo ao lar dos Lauff!⁵

Estranhei o que ouvia, quando, perplexo, vi meu corpo repousando, à maneira de uma escultura de células que estivesse me esperando.

Recordei o regaço de Mamãe Edda e o colo da Vovó Júlia,⁶ quando criança, e enlancei-me com a senhora cujo olhar me cativara com a ternura irradiante em que se expandia.

E fiz isso, porque ninguém naquela festa improvisada necessitaria explicar-me o acontecido. Minha ligação com a vida física terminara.

Não me situava num sonho. Identificava-me por dentro de uma realidade a que não me competia resistir. Apesar de tanto socorro, no entanto, ao cientificar-me de que a minha própria desencarnação se completara, um abatimento difícil de explicar me dominou todas as forças.

Quis encaminhar-me para outros setores de casa, abraçar os pais e as irmãs queridas, mas o impacto daquela revelação me imobilizava e, recebendo passes de auxílio de amigos presentes, realmente entrei num torpor diferente do sono comum.

Soube, depois, que fui transportado para o lar-hospital do "Regeneração", onde acordei, além de algum tempo cuja duração não consigo determinar.

Ainda assim, embora as minhas expectativas de menino desejoso de retorno ao campo doméstico, não me demorei a registrar-lhes as orações em meu auxílio. Pude entrar em contato com todos de casa e agradeço o carinho das lembranças com que me reconfortavam.

Surpreendi os pais queridos e os avós, por vezes, chorando em separado, ao me lembrarem a viagem de volta à Espiritualidade e uni meus votos aos votos da família querida, poraquê, se pediam a Deus por minha paz, era minha obrigação rogar aos Céus pela tranqüilidade dos meus entes queridos.

Temos vivido assim, nestes onze meses de união diferente, mas, tanto quanto procuram readaptação à vida física, busco de minha parte reaver a espontaneidade que me deve caracterizar em meu novo modelo de existência.

Agradeço ao Papai Aurílio quanto faz por sustentar-nos firmes na fé em Deus e em nós mesmos e agradeço à Mamãe Edda este clima de incessante amor em que nos entrelaçamos nos mesmos sentimentos, procurando ansiosamente a fórmula de amar-nos sem demasiado apego, a fim de que a nossa renovação se faça mais rapidamente.

Querida Mamãe, nossa querida Scheilla, nossa querida Lívia e nossa querida Liliane⁷ estão aí, requisitando-nos atenção e presença.

O vovô João⁸ e a vovó Júlia, com os meus outros avós, permanecem ao nosso lado, esforçando-se por atenuar o rigor das saudades muitas e, com a bênção do Pai Celeste, com o carinho do Papai Aurílio, venceremos as nossas dificuldades,

cicatrizando as feridas da separação que remanesçam da imensa dor de nos distanciarmos uns dos outros, por força dos Desígnios Divinos.

Sei que o seu coração deseja um filhinho e tudo será examinado com tempo e discernimento, mas, se puder aceitar-me um pedido, queria vê-la operosa na Homeopatia em auxílio às crianças. O trabalho em semelhante seara de amor aos nossos irmãos pequeninos reconstituiria os nossos vínculos de presença constante. Mamãe, estou em nossa família do "Regeneração", mas, perdoe-me, se lhe disser que anseio trabalhar ao seu lado na Pediatria exclusivamente homeopática, a fim de servirmos a tantas crianças que precisam preservar a saúde e a própria normalidade da existência física, em nos referindo ao futuro.

O nosso caro amigo Dr. Bezerra já me disse que os pequeninos necessitados de apoio curativo são igualmente, não somente irmãos, mas também filhos de sua ternura materna, à maneira de rebentos do seu querido coração.

Não desejo estagnar meus estudos e justamente na Homeopatia é que reencontro campo mais propício ao desenvolvimento de Medina nova fase de serviço.

A saudade é nossa, saudade que se nos fará bênção de alegria, quando estivermos junto à cabeceira dessa ou daquela criança doente, diligenciando o encontro de recursos para liberá-la de qualquer comprometimento com as medidas violentas que tantas vezes desfiguram as esperanças de uma vida simples e sã.

Converse com o Papai a esse respeito. Não se sinta machucada ou inerte. Nós ambos temos vivido, nestes onze meses, na clínica das orações de quantos se interessam por nossa felicidade.

As irmãs queridas se habilitam para o futuro próximo. O papai se orienta por diretrizes profissionais seguras e constantes, e nós dois podemos iniciar o trabalho socorrista aos nossos irmãos que se encontram na primeira fase do curso de experiências na Terra.

Nosso trabalho será uma estrela que, começando a brilhar na creche do "Regeneração", se estenderá depois, criando-nos a alegria de plantar muita alegria para os outros.

Desculpe-me se penso nisso, mas reafirmo que os nossos ideais se interligam e o serviço ao próximo, no alcance daquilo que se nos faça possível, é a receita mais eficiente para a restauração definitiva de nossas forças.

Já que esta carta se alonga por demais, envio muitas lembranças às meninas, à vavá Júlia e ao vovô João e ao vovô Silvério com a vovó Maria.⁹

Quero dizer ao meu pai que tenho recebido muito auxílio de amigos espirituais que velaram por ele na infância, destacando o irmão Salustiano, o irmão Netto, o Padre Francisco de Paula Victor e o Dr. Augusto Silva¹⁰ e desejo seja dito à vovó Júlia e ao vovô João que a vovó Maria Lauff tem sido aqui, em meu auxílio, outra mãe pelo coração.

Se eu pudesse queria que a felicidade fosse aqui uma árvore a agasalhar a todos. Meus agradecimentos à nossa querida irmã Leda e aos queridos irmãos Paulo e Rosina¹¹ e aos irmãos outros que nos acompanham nesta noite de paz.

A família na vida espiritual se desdobra. Por isso temos conosco nestes minutos inesquecíveis, o tio Alcides, a tia Thereza, a tia Emília, a tia Therezinha, a tia Lili¹² e muitas outras criaturas benditas do nosso abençoado "Lar Regeneração".

Estou muito sensibilizado para dizer "até depois".

Afinal, a gente nunca se separa. Não será melhor afirmar "todos estamos juntos?".

Papai querido e querida Mamãe Edda, vejam-me no amor com que os tenho incessantemente na memória e recebam juntos o coração inteirinho do filho que lhes deve tanto e que, através do amor que me dispensam, passará a dever-lhes muito mais.

Um beijo de respeitoso carinho e de muita gratidão do filho agradecido.

CARLOS

1 - Abnegada amiga da família e, também, participante do Grupo Espírita Regeneração, do Rio de Janeiro, tradicional e querida Instituição fundada pelo Dr. Bezerra de Menezes.

2 - Tal fato nos foi confirmado pelos pais, através de carta em que revelam ter o filho assim se expressado na semana de sua partida.

3 - Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro, médico e, quando encarnado, dirigente do Grupo Espírita Regeneração.

4- Ilustre médico homeopata, falecido no Rio de Janeiro na década de 30.

S - Bisavó materna, Maria Lauff, falecida em 1970.

6 - Avó materna, Júlia Frankenfeld.

7 - Irmãs do Carlos Eduardo.

8 - Avô materno, João Frankenfeld.

9 – Avós maternos já citados e os avós paternos, Silvério de Oliveira Mendonça e Maria Alves de Moraes.

10 - Benfeitores espirituais da região de Boa Esperança, sul de Minas, cidade onde nasceu o Dr. Aurílio.

11 - Filha de Emilia Rodrigues, também co-autora espiritual deste livro, Leda Rocha é Presidente do Grupo Espírita Regeneração de que Paulo e Rosina, lembrados por Carlos Eduardo, são também Diretores.

12 – Companheiros já desencarnados e muito ligados ao Regeneração.

SR. CARLOS GOMES

O Sr. Carlos Gomes nasceu em São Paulo, a 10 de novembro de 1916.

Industriário aposentado, faleceu na tarde de 13 de Maio de 1978, atropelado por um ônibus, no centro da capital paulista, e sua brusca partida para a Pátria Espiritual cortou a seqüência de 38 anos de vida conjugal, deixando desorientada e só, pois o casal não tinha filhos, a esposa D. Iracema Venturini Gomes, justamente às vésperas do Dia das Mães.

Instada por familiares, D. Iracema foi até Uberaba, à procura de Chico Xavier, na esperança de saber alguma notícia do marido, conquanto não fosse espírita, e após 10 meses da desencarnação, o Sr. Carlos Gomes retornou com a comovente carta.

A respeito do texto psicografado, assim se expressou D. Iracema:

“Fiquei mais tranqüila porque percebi que meu marido não estava sozinho e sim na companhia de entes queridos e, desde então, também não me senti mais sozinha, pois compreendi que o Carlos está constantemente comigo.

Tal convicção nasceu em mim, porque na mensagem pude reconhecer integralmente a presença do meu marido, tal qual o conheci ao longo de tantos anos de vida em comum.”

Querida Cerna, Deus nos abençoe.

Aqui estou, armado de papel e lápis, com o desejo imenso de me fazer presente ao seu coração de companheira. Confesso a você que tenho participado de reuniões diversas, tentando aprender como se maneja um braço alheio, conquanto de um amigo, para nos expressarmos, através de uma carta.

O assunto nos parecia tão longe e tão estranho, há pouco tempo, que realmente precisei de ensejo mais longo para afirmar-me no propósito de cumprir os meus próprios desígnios.

Graças a Deus, vejo-a confiante em Deus, embora a tristeza e o vazio que ainda persistem conosco, e me rejubilo porque confiando em Deus e na vida, você me auxiliará a vencer a luta que se travou em mim mesmo.

Começo por pedir-lhe não pensar em culpas alheias no meu problema da exoneração do corpo físico. O motorista do ônibus nem me viu. Este seu companheiro distraído é que permaneceu num local impróprio.

Ainda aqui, posso afirmar-lhe que a ocorrência era uma espécie de encontro marcado com a desencarnação. Imagine você que, em sua sensibilidade, por vezes, você chega ao cúmulo de censurar a si mesma por haver-me solicitado que saísse para a compra de alguns ingredientes para os nossos pratos.

Pensávamos no Dia das Mães e queríamos habilitar o nosso ambiente com os recursos preciosos aos momentos de paz e alegria que pretendíamos desfrutar. Veja que os fatores se estabeleceram de maneira diversa.

E, por fim, nem mesmo eu posso culpar-me, de vez que mais tarde vim a compreender que o acidente era um socorro antecipado a problemas circulatórios que me espiavam por dentro e que me fariam cair a qualquer momento.

Rogo assim a você refletirmos em termos mais altos. A vida tem desses encontros-desencontros. A pessoa se ausenta para um determinado fim e se vê com a direção completa-mente modificada. E no fundo dessas alterações é sempre a Bondade de Deus a manifestar-se de maneira obscura para nós. Entendendo que você não saberá guardar rancores contra ninguém, digo a você que, após o choque, não foi fácil para mim o despertar do sono que me imobilizou todas as forças. Caí na rua, de corpo descontrolado e, em momentos rápidos, a memória me fugia, qual se fora minhas energias a se me afastarem do corpo.

Quanto tempo decorreu nesse intervalo, não sei, por enquanto, dizer. Via-me anestesiado e inerte, mas, por dentro de mim, tudo era um pesadelo que não sei descrever. Até que enfim, acordei, sob a proteção de meu pai José Gomes,¹ num quarto agradável de hospital ou Casa de Repouso.

Ver meu pai junto de mim era a revelação de tudo quanto me ocorrera e, não obstante confortado com aquela presença querida, não pude evitar as lágrimas ao reconhecer que a deixara sem qualquer preparação.

Não foi pequena a luta que travei comigo próprio, porquanto, as suas lágrimas me vinham diretas sobre o coração. Não sei por que misterioso processo os que se amam vivem juntos, independentes de espaço e tempo.

Sabia você tão distante e as nossas dores iguais se comunicavam, qual se estivéssemos na mesma união de todos os dias. Foi quando a nossa Mãezinha Jovina me visitou, em companhia de nossa irmã Helena,² reconfortando-me.

Realmente, querida Iracema, penso que nós, a maioria do homens, somos apenas crianças grandes, encontrando na mulher um retrato de Mãe, semelhante ao coração materno que nos deu a vida no mundo.

A nossa querida Mãezinha Jovina me fez ver que o meu pranto não suprimiria o seu e que me cabia o dever de enviar-lhe pensamentos de paz e de aceitação da vontade do Criador.

Ainda hoje, nela encontro o bálsamo que me alivia, auxiliando-me a meditar com clareza e segurança. Ela veio comigo abraçá-la e pede-lhe calma e coragem.

Informa a você que vem trabalhando no amparo às filhas queridas que deixou no mundo e roga-lhe abraçar por ela ao nosso caro irmão Humberto e às nossas irmãs Filomena e Amélia, Aracy e Julieta,³ prometendo ajudar-nos sempre mais.

Tudo é novo para o seu Carlos. Estou contente por transmitir-lhes as presentes palavras porque a minha inquietação para acalmá-la em mim, tem sido efetivamente muita.

Agora, peço-lhe muita fé e paciência para resolvermos devagar as questões que ficaram e as que vão aparecendo. Não se apresse em resolução alguma.

Espere minhas melhoras mais positivas para pensarmos com mais segurança quanto ao futuro. Farei o possível para que você encontre uma reunião de senhoras que estudem e façam o bem, em nossa prática de amor ao próximo, onde consiga vê-la mais animada para a vida. Por agora, é, tão-somente, o "Alô" que lhe desejava entregar.

Graças a Deus, você está melhor e seu velho está igualmente melhorando. Tudo caminha para a rearmenização que se fazia necessária.

E por isso, se não fossem as saudades muitas, estaria de minha parte muito feliz. Entretanto, venceremos com Jesus; guardemos a certeza disso.

Querida Companhia, para você e para os nossos amigos o meu apreço e estima de sempre.

Não estou me despedindo. É tão-só o meu boa noite repleto de carinho e de gratidão. Convença-se de que a morte do corpo físico não nos separou e você esta sempre comigo, quanto possível.

O seu Velho, sempre o seu esposo de alma e coração.
CARLOS GOMES 23.03.79

1 – José Gomes, desencarnado em 1946.

2 - Jovina Venturini e Helena Venturini, sogra e cunhada de Carlos Gomes, falecidas respectivamente em 1975 e em 1978.

3 - Irmãos de D. Iracema.

CHARLES JEAN BUENO WEISHAAR

Natural de Cruzeiro – SP, filho de Dulce Bueno Weishaar e de Charles Jean Weishaar, o jovem Charles Jean Bueno Weishaar nasceu a 30 de setembro de 1950, falecendo aos 24 anos na capital paulista, em 12 de janeiro de 1975, vitimado por acidente rodoviário na Via Anchieta.

Filho único, amoroso, terno, a redação que Charles fez na infância sobre a genitora, e que reproduzimos a seguir, melhor lhe retrata a grandeza de coração:

MINHA MÃE

"Minha mãe chama-se Dulce Bueno. É tudo o que tenho na vida.

É ela que logo cedo me chama para ir à escola, arrumando a marmitta, fazendo um delicioso cafezinho.

Ao chegar em casa, encontro a casa bem arrumada e a comida deliciosa que só a mãe da gente sabe fazer.

Procura me educar, fazer de mim uma pessoa honesta, trabalhadora e me incentivar nos estudos para que mais tarde possa ser um grande homem, como toda mãe espera de seu filho.

Por isso, coopero com ela, escutando atentamente o que ela diz, que vai só servir de bem para mim no futuro.

Bem, acho que disse tudo de minha mãe e, com essas palavras, a mãe merece o título de Rainha do Lar."

Da mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier em outubro de 1981, diz D. Dulce:

"A mensagem foi, para mim, o verdadeiro "Prêmio do Céu". Tive a certeza da sobrevivência de meu filho e hoje, mais do que nunca, tenho a convicção de que meu filho vive, que está morando num país distante, que eu não sei onde é, nem como é, mas que existe, e eu espero encontrá-lo um dia."

Querida Mãezinha Dulce, dê-me a sua bênção e conserve a certeza de que nunca nos separamos.

Desde aquele janeiro de mais de seis anos atrás, recebo os pensamentos e lembranças que lhe fogem do coração à minha procura e creia que foi com a sua fortaleza de fé viva em Deus que me refiz, de certo modo, tentando facear os meus novos problemas com a bênção de coragem que encontro em sua maravilhosa vida de Mãe, Admito, mesmo agora, que o tempo me abateu as emoções mais pesadas de agüentar, que os filhos de minha condição, quando são liberados da vida física, através da ocorrência que conhecemos por desencarnação, continuam por algum tempo, incrustados psicologicamente nos sentimentos maternos, qual acontece com a gente, antes de nos retirarmos do claustro iluminado de amor de nossas mães para o corte daquele cordão umbilical que nos faz chorar pela primeira vez, no início de cada existência no mundo.

Assim penso, porque foi preciso que a vovó Ana¹ me viesse separar da sua presença incessante, formada por mim mesmo, conquanto estivéssemos separados do ponto de vista do espaço.

Fitava-lhe a imagem comigo, imagem que eu próprio alimentava com a minha ansiedade de permanecer em seu carinho. Tempo de lágrimas recíprocas e sofrimentos que nós ambos não saberíamos agora minudenciar.

Querida Mãezinha Dulce, sei que hoje estão completando vinte e uma vezes que o seu coração querido vem até aqui, na perseverança da ternura que nunca se apaga. Ouvi as suas preces na passagem de meu pobre aniversário nesta semana e muni-me de força para solicitar o apoio dos amigos, a fim de que lhe repita quanto amo. Vinte e uma vezes! ²

Mas a omissão não partiu de seu filho. É que precisamos preparação suficiente para saber manejar os recursos mediúnicos e demorei-me aprendendo...

Hoje, creio que escrevo com algum desembaraço, de modo a dizer-lhe que as suas orações por meu aproveitamento não foram vazias. Tenho adquirido mais experiência e consegui esquecer a ocorrência infeliz do dia 12 que nos custou tantas aflições.

A vovó Ana me colocou em contato com um amigo da Barra, Claudino Dias,³ cuja bondade me ofereceu lugar e oportunidade na escola de bênçãos que ele mesmo dirige e, com o amparo dos Mensageiros do Bem, vou experimentando a alegria de me desvencilhar de todas as idéias sem validade real e me fixo no caminho do pequeno discípulo que precisa da escola, a fim de conquistar a própria renovação.

Querida Mãezinha, muito grato por tudo o que recebo constantemente de seu carinho. Tenho a felicidade de continuar a saber-me seu filho, guiado por suas vibrações de paciência e renúncia, ao lado da vovó Zilda⁴ e de outros corações queridos nossos.

Graças a Deus vou melhorando sempre, afastando-me do homem velho que trazia comigo, em forma de idéias cristalizadas a me vestirem a mocidade com farpas de incompreensão e de exigência e sinto que a transformação para melhor significa hoje a minha felicidade.

Querida Mamãe, sobre o papai, recordemo-la com as nossas preces. Ele é credor dessas nossas lembranças, nas quais rogamos a Jesus o faça feliz onde estiver.

Estou feliz e reconhecido aos nossos Maiores pelo ensejo com que me favorecem, de maneira a que lhe desse minhas notícias, o que faço com a segurança daqueles que já choraram o suficiente para saber que necessitam converter o pranto em fonte de esperança e de alegria.

Querida Mãezinha, isto é o que ansiava transmitir ao seu carinho, pedindo-lhe continue a tutelar-me em seus pensamentos repletos de compreensão e de amor.

Muito amor à vovó Zilda e com os afagos da vovó Ana que lhe abraça o coração querido, deixo em suas mãos inesquecíveis a alma toda de seu filho, sempre seu filho e seu coração,

CHARLES

CHARLES JEAN BUENO WEISHAAR 02.10.81

1 - Ana Ferraz Bueno, bisavó materna, falecida em 1946.

2 - Realmente, pela 21.º vez D. Dulce ia a Uberaba, aguardando notícia do fé.

3 - Claudino Dias, grande lidador espírita de Barra do Piraí, cidade lúmen onde D. Dulce nasceu e atualmente reside.

4 - Avó materna, Zilda Jóras Bueno, residente em Cruzeiro - SP.

DOUGLAS LABATE

Douglas Labate, filho de Dionísio e Ignez Telle Labate, nasceu em São Paulo, a 2 de setembro de 1960, aí falecendo no dia 25 de março de 1980, com vinte anos incompletos, vitimado por acidente de moto.

O pai, no rápido contato que manteve com Chico Xavier, antes do recebimento da mensagem, apenas disse o nome do filho, o seu e o da esposa, sem quaisquer outros detalhamentos.

Qual não foi a surpresa do Sr. Dionísio, ao receber naquela inesquecível noite, em Uberaba – MG, a página do saudoso filho, com citações desconcertantes, quais os apelidos dos amigos de Douglas que Dionísio e D. Ignez ignoravam e vieram a comprovar a posteriori.

Sobre o texto mediúnico, diz o Sr. Dionísio:

“A significação para mim do recebimento da mensagem do meu filho Douglas foi de muita alegria, pois pude saber que meu filho continua vivo.

Apesar da dor e da saudade, também minha esposa e meu filho Ivan muito se consolaram com as palavras autênticas do Douglas.”

Querido Papai Dionísio, aqui estou eu a imaginar-me abraçado ao seu coração e ao colo da Mãezinha Ignez, para comunicar-lhes que estou melhorando...

Estaria numa boa se não fosse essa ferida de saudade que a gente carrega por aqui, onde as surpresas são muitas.

Não quero manifestar-lhes a minha sobrevivência com lamentações. Especialmente, preciso dizer que sou advogado da moto, a minha condução preferida.

Penso que montar um cavalo puro sangue e ganhar assento no animal de aço, que me proporcionou tanta alegria, é a mesma coisa.

Não se preocupem com a idéia de que o acidente não viria, caso estivesse no chamado processo "de a pé". De qualquer modo a bruxa me descobriria. Quem passou por este mundo, sem perceber-lhe a presença? Pois saibam que se ela faz chorar a muita gente, não lhe darei bola.

Sou o mesmo companheiro das boas velocidades e das aventuras que nos melhoram a capacidade de ser gente.

Estou com pessoal nosso, como acontecia aí no mundo. Vovó Maria Luíza e Vovô Afonso. Vovó Ana e Vovô Francisco e ainda Tio Eugênio,¹ são amigos do peito e se alegram com o meu modo de ser.

Guardo a certeza de que me obterão um novo monstro de corrida serena para que me movimente, no lado em que resido presentemente, porque asas não tenho e nem conheço, por enquanto, ninguém de nosso grupo que consiga planar no espaço.

Estou bem, mas transportando reconforto, com a saudade de quebra. Sei que minas maneiras serão reeducadas.

Percebo isso nas sugestões de nossa gente, mas, por enquanto, Papai Dionísio, não há outro jeito de ser, senão este com que compareço diante de sua bondade para repetir o meu "muito obrigado".

Pai, rogo à mamãe Ignez para que entenda comigo esta necessidade de conservar a nossa fortaleza na alegria com que a própria vida se manifesta.

Nunca vi árvores sustentando folhas mortas e nem águas paradas que possam ajudar a terra. Tudo é movimento e tudo é esperança.

Rogo ao seu coração amigo transmitir aos colegas o meu abraço, conquanto ainda me veja um tanto baratinado para assumir posição de morto solene que não sou.

Continuo a sentir muita falta do Mão, do Gordo, do Tunas, do Bolomba, da Patricinha, da Fabi² e de tantos companheiros do Rancho Feliz. Abraços à Rosana e à Ângela.³

É engraçada a existência no mundo físico. Saí da Terra conhecida amando a Rosana, e só aqui pude saber que a Ângela me queria tanto bem. Não me refiro a isso para renovar comunicados. Reporto-me a situação em que me reconheci, porque desejo ser autêntico.

Suponho que muitas pessoas liberadas do campo físico sentirão problemas afetivos semelhantes ao meu, entretanto, penso que não falam nisso, deixam o tempo moer as ocorrências, até que a memória apague as recordações que nos agitam por aqui.

Não me creio diferente dos muitos corações que conheço, embora não esteja envolvendo a todos no mesmo lado em que descolo minhas lembranças.

Saibam, acima de tudo isso, que eu digo que os amo muito e que os pais queridos me possuem a vida inteira. Se fui de alguém, sem a posse de Deus sobre nós todos, pertenci e continuo pertencendo a ambos.

Recebam, desse modo, muitos beijos do filho que acabará um dia tão perfeito como desejam, com moto ou sem moto.

Um abraço de muitas saudades, com os agradecimentos do filho que tudo lhes deve para desejar ser o filho útil e bom que ainda não sou e preciso ser.

DOUGLAS

DOUGLAS LABATE 27.06.83

1 - Avós: Maria Luíza Nami Damatto e Afonso Damatto, Francisco Telle e Ana Ferraiolli Telle, já falecidos; Eugênio Fardin, tio materno, também desencarnado.

2 - Apelido dos amigos:

- Vanderlei Pires - Mão
- José Wilson Padilha Filho - Gordo
- Antônio Malandrino - Tunas
- Wagner Rodrigues Vieira - Bolomba
- Patrícia Lopes Crispino - Patricinha
- Fabiana Haddad - Fabi

3 - Colegas: Ângela Magalhães e Rosana Bernardo.

EMÍLIA RODRIGUES

Católica fervorosa, pertencente à Irmandade da Igreja Santa Therezinha, na mensagem dirigida à filha, D. Emília Rodrigues traz importante depoimento, mencionando sua afinidade religiosa, lembrando-nos que a morte “pode alterar disposição, mas não modifica convicções”.

Nascida no Rio de Janeiro, a 22 de março de 1889, D. Emília aí faleceu a 29 de novembro de 1969, com 80 anos de idade.

A carta endereçada à filha, Leda Rocha, advogada e professora de línguas, foi recebida quase quatro anos após a desencarnação e, sobre ela, assim se expressou a filha:

“Desejo dizer que, ao recebê-la das mãos do nosso querido Chico, senti que uma vida nova nascia dentro de mim. Digo isto, porque este comunicado para mim é o retrato autêntico daquela alma querida que me trouxe à Vida Terrestre.”

Querida Leda, minha querida filha.

Deus nos abençoe.

Descrever o que sua mãe está sentindo é impossível. Há muito tempo, estou no esforço de uma criança na escola. Para escrever a você, lutei. Tenho lutado muito para conseguir isto.

Pensamos, antes de perder o corpo terrestre, que haverá uma situação milagrosa, a esperar por nós. Mas o engano termina. Somos nós mesmos.

Somos, como estamos. Se alguma transformação profunda ocorre, nada sei. Continuo sem muita compreensão do Espiritismo.¹

Para não me afastar de você, tornei um avental de serviço e estou trabalhando com o nosso Dr. Alcides, na organização hospitalar no Grupo Regeneração.²

Não pense que estou na condição de enfermeira com altos conhecimentos. Estou, sim, aprendendo que tudo no bem de nós mesmos é conquista que se deve fazer.

Você, minha filha, que me deu tudo em minha razão de viver - você que foi meu tesouro e continua sendo a riqueza de sua mãe, não podia estudar o Espiritismo por mim.

E creia. Para adquirir o entendimento novo de que necessito, devo seguir devagar.

Quando me vi se você, foi um vazio repleto de sofrimento. Acredito que você sentiu a mesma coisa.

Imagine que esperei tanto pela entrada nos planos do Céu, embora não desejasse morrer. E quando me vi sem a nossa casa, filha querida, compreendi que o Céu é o amor com que nos queremos uns aos outros.

Foi em vão que seu pai e apareceu, com os amigos Sampaio e Abílio, Joaquim³ e outros benfeitores daqui, para me confortarem.

A princípio, não tive consolo nenhum. Esses amigos tão bons me faziam até aborrecimento e medo. Custei, mas custei muito a reconhecer que estávamos separadas.

Ah! minha filha, Deus abençoará a você por todo o amor que o seu carinho me deu na vida e na morte. É verdade que a Providência Divina me concedeu a felicidade de ser sua mãe aí na Terra, mas, aqui, venho a ser sua filha pelo coração, porque é em suas preces e lições que vou recomeçando a viver.

Continue ajudando a mim, filha querida, para que aprenda a desprender-me do mundo que nós duas criamos.

Aqui, os nossos Amigos me ofereceram meios de seguir para outra região onde as mães da Terra recebem ensinamentos para desapego e elevação delas próprias, mas ao mesmo tempo me induziram à escolha: poderia seguir a frente ou ficar mais perto de você.

Mas o que poderia fazer de mim sem você? Que educação iria conseguir afastada de sua presença?

Não tinha escolha nenhuma a fazer.

Deus sabe que as mães são assim. Nosso Pai Eterno nos criou para os filhos e, por isso, preferi estar com o nosso médico e apóstolo dos sofredores, aprendendo a servir.⁴

Não tenho cansaço, embora o serviço seja muito. Freqüento o ambiente de lições renovadoras, mas ninguém me impõe isso ou aquilo.

Permitem nossos Benfeitores que eu faça preces onde quiser, embora, em matéria de trabalho, haja muita disciplina e exigência.

Compareço regularmente nas tarefas de que me incumbo; você não vá se espantar e se aborrecer com sua mãe se contar a você que, nas horas de religião, continuo freqüentando a nossa Igreja de Santa Therezinha.⁵

Dr. Alcides afirma que vou mudar muito, mas, diz que isso é pouco a pouco. Até mesmo o nosso caro João costuma rir-se de mim; no entanto, a transformação é muito vagarosa.

Você sabe, minha filha, tantos anos em minha fé, tanto tempo com os meus instrumentos de confiança em Deus!... Se eu falasse a você de outro modo, você saberia que alguém estaria me forçando a isso. Mas aqui, Leda, todos são bons.

Em nossa organização, vivemos como irmãos que houvessem nascido sob o mesmo teto. E há tanto serviço por fazer que não há tempo para brigar. Todos os dias, são novos doentes que chegam.

Aí, falamos em criancinhas que nascem, quando se trata de existências novas que aparecem; aqui, falamos em doentes que chegam, porque devem ser raros os que voltam para cá perfeitamente tranqüilos. Eu, pelo menos, em minha inexperiência, ainda não vi ninguém.

Agradeço a você as flores em nosso recanto de lembranças. Nunca pensei que você tivesse tanta força para visitar o cemitério com tanta pontualidade.

Deus recompense a você, minha filha. Agradeço os ofícios religiosos que você manda celebrar em minha intenção.

É mesmo. Eu naturalmente vou mudar e você também. Nossa Mãe do Céu nos guiará para o futuro. Você deixará de render tanto culto ao cemitério,⁶ culto que respeito e agradeço com todo o meu coração, e eu saberei me desapegar de tantos hábitos - sem dúvida hábitos bons e construtivos - que me prendem a situações de pensamento que preciso deixar.

Nossa irmã Thereza⁷ chegou muito bem. Como sucedeu comigo, ela acordou da grande modificação, assim qual um enfermo operado, quando se recupera da anestesia.

Está saudosa, mas não apegada excessivamente às causas da casa física, como me aconteceu. Está firme, já é uma convalescente, enquanto que eu, a bem dizer, ainda sou mãe concentrada em você, como quem não tem outra criatura a se apegar.

Minha filha, ajude-me. Sou uma espécie de hera, daquelas trepadeiras que tínhamos no sítio. Sem apoio, as plantas vinham abaixo; sem você, ainda não me reconheço.

Isso é uma afirmação de espírito sofredor, fala-me, aqui, o nosso Dr. Alcides a me ajudar. Mas se eu falasse de outro modo, estaria mentindo.

Agradeço aos nossos amigos. Quando mais cansada e mais doente, fiquei mais nervosa e mais aflita; sei que todos me desculparão.

Abrace aos nossos - a todos os de coração dedicado a que Deus nos ligou.

E com as minhas lágrimas de alegria e de gratidão a Jesus por esta hora de bênçãos, guarde, minha filha, o coração de sua mãe que traz você cada vez mais por dentro do coração saudoso e reconhecido.

EMÍLIA 21.07.73

1 - D. Emilia era católica fervorosa e manteve, como veremos adiante, a mesma fé religiosa na Pátria Espiritual.

2 - Grupo Espírita Regeneração, do Rio de Janeiro, entidade atualmente dirigida pela sua filha e de que o Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro, médico já desencarnado, foi presidente.

3 - Refere-se ao esposo, João Alves Pereira, e a amigos do Grupo Regeneração, Antônio Sampaio Júnior, Abílio Ferreira e Joaquim Cassão de Castro, também desencarnados.

4 - Carinhosa referência ao Dr. Alcides, já citado.

S - Igreja do Bairro da Tijuca - Rio - que D. Emília freqüentava.

6 - Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro, onde foi sepultada.

7- Colaboradora do Grupo Espírita Regeneração, Thereza Ferreira Rodrigues, falecida no Rio de Janeiro.

FELICIDADE DE FÁTIMA ALVES

Dadinha, Felicidade de Fátima Alves, natural de Patos de Minas – MG, nasceu a 11 de janeiro de 1959, vindo a falecer, em acidente de trânsito, aos 19 de outubro de 1980, em Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

Filha de Augusto Alves Pinto de D.Lazara Alves Pinto, formada em Licenciatura pela Universidade Federal do Mato Grosso, ao acidental-se, Dadinha voltava da comemoração do natalício do sobrinho Rodolfo, fato que menciona na mensagem e que lembramos para que o leitor ainda uma vez observe a clareza da transmissão mediúnic, pois o Chico sequer conhecia esse pequeno detalhe.

Em carta-depoimento, assim se expressou o Sr. Augusto a propósito do recado da filha:

“O choque violento da separação, além da profunda tristeza que se abateu sobre a família, trouxe uma espécie de perplexidade, talvez em função da própria surpresa dos acontecimentos.

Muito pequenos diante dos mistérios de Deus, vivemos dias nebulosos de incerteza que quase nos arrastaram ao desespero total e absoluto.

E foi dentro dessa panorâmica desoladora que decidimos procurar o querido amigo Chico Xavier, com quem sempre mantivemos um contato periódico.

Mesmo contrariando um princípio de poupar ao máximo os amigos, a necessidade de vê-lo foi maior que o nosso desejo de não importuná-la.

E quis Deus que nossa filha Felicidade de Fátima Alves (Dadinha) obtivesse autorização superior naquela noite e escrevesse a carta que lhe passamos às mãos, cujo teor constitui-se em verdadeiro bálsamo para nossa desolação.”

Querido Papai Augusto e queria Mamãe, peço para que me abençoem.

Estou aqui. Acompanho-lhes a viagem. Precisava fazer isso.

Os dias são poucos, na conta de minha ausência pela desencarnação. A minha necessidade de falar-lhes, porém, é muito grande e não posso esquivar-me a semelhante dever.

Acima de tudo, rogo serenidade aos pais queridos e a todos os nossos. Tudo se passou de modo tão rápido que ainda me sinto presa ;ç uma idéia de sonho.

O natalício do Rodolfo¹ representou uma alegria enorme para nós todos. E, depois, o plano de uma visita ao clube, tomou vulto em nossa cabeça.

Tudo seguia bem, mas na volta à casa, fui vítima do acidente, com o qual ninguém conta. O choque violento me insensibilizou os centros de força.

Aquela batida ficou para mim incompreensível, porque um torpor invencível me dominou. Não senti dor alguma. Somente ao despertar, é que me senti estranhamente chocada, e experimentando uma terrível dor de cabeça.

Acreditei que me achava num ambiente hospitalar para socorro de emergência, mas em vão pedi a presença dos meus.

Creio que depois de uns dois dias, em meu cálculo de tempo, é que recebi a visita de uma senhora cuja fisionomia estava impressa em minhas lembranças.

Depois de alguns minutos, deu-se a conhecer, informando ser a vovó Felicidade,² de quem tantas vezes ouvira doces referências em família. Então soube de todas as minudências de meu desligamento da vida física.

Aos poucos, aquele diálogo terno e construtivo me excitou a memória e passei a reconstituir na imaginação a noite e as ocorrências da noite que me marcaram o término da experiência terrestre.

Imaginarão ambos como chorei, ao sentir-me desvinculada da família e do lar.

No entanto, a vovó Felicidade me esclareceu que eu viera para a Vida Espiritual no momento certo. E me trouxe à presença da vovó Carlinda, da tia Maria Alves,³ do Padre Caldeira, do Professor Modesto e de uma senhora conhecida pelo nome Guiomar de Melo⁴ amiga de minas avós, a quem devo agora muitas gentilezas.

Um benfeitor, conhecido por Dr. Marcolino,⁵ tem me prestado muitos favores e peço aos queridos pais ficarem tranquilos a meu respeito.

A vovó Felicidade solicitou de benfeitores diversos a devida permissão para que eu viesse, embora a convalescença em que me vejo, especialmente para reconfortá-los com minhas notícias e rogar, ao nosso querido René,⁶ para não cogitar de qualquer manifestação de violência contra o pobre amigo, em cuja companhia encontrei a desencarnação.

Papai, rogo à sua bondade pedir ao querido irmão para desistir de qualquer propósito de reparação indébita.

Por amor a Jesus, que nos ensinou o perdão incondicional das ofensas, venho suplicar a meu irmão esquecer o acontecido, porque se alguma leviandade compareceu no caso em que perdi o corpo físico, isso poderia suceder com qualquer de nós.

Mãezinha querida, auxilie-me. Não venho ao intercâmbio desta noite, senão tentando impedir qualquer violência que nenhum remédio ofereceria à nossa situação.

Vovó Felicidade, no otimismo e na bondade que lhe enfeitam a alma nobre, chega a me dizer que a nossa família precisava de alguém aqui na Espiritualidade, para colaborar com a nossa casa, sempre apoiada nas bênçãos de Deus. Precisamos de paz e compreensão.

Agora, querida Mamãe, tudo vejo tão claro!

É tão belo pensar que guardamos a possibilidade de esquecer qualquer ofensa e transpor todos os obstáculos, usando o amor e a fé.

Eu própria que, tantas vezes, me expressava segundo os condicionamentos de tanta gente que raciocina desfavoravelmente sobre os que se fazem instrumentos de nossas provações, estou plenamente transformada.

Não podemos julgar os nossos semelhantes, porque todos somos filhos de Deus, passíveis de cometer faltas maiores do que aqueles que tantos apontam na posição de culpados.

Oh! Deus de Bondade, como agradeço a minha própria renovação!

Peço ao seu carinho, Mamãe querida, dizer à Marluce, à Marlene, à Iralva, à Eva Lucia, ao René, ao Renato e ao Ricardo,⁷ que nascemos para o bem e que a nossa família é sagrada, reclamando-nos apoio, a fim de que os nossos que vão chegando agora, ao seio de nossa comunidade familiar, se façam felizes sobre os alicerces de união que pudermos construir.

Mamãe querida, o Papai necessita e necessita sempre de sua proteção e de concurso positivo, a fim de cumprir os seus encargos de homem de bem.

Pai querido, sua filha sabe agora quantas lágrimas lhe custaram o trabalho que desempenha e está em preces a Jesus para que a sua saúde e a sua alegria de viver e trabalhar não esmoreçam.

Ainda não consegui repousar quanto necessito, porque não conseguiria isso antes de fazê-la sentir quanto o amamos e pedir à Mãezinha nos sustente a paz como sempre. Além desse objetivo, o pedido ao René me preocupava.

A Regina realmente me registrou a presença, porque com o amparo de amigos que me sustentam, necessitava ansiosamente transmitir-lhes as palavras que procura grafar aqui, embora ainda sob as conseqüências do choque em que fui surpreendida pela transformação em que me vejo.

Rogo calma a todos os nossos e pleno esquecimento da ocorrência triste que, no fundo, expressa a Bondade de Deus, auxiliando-nos no momento justo.

Pai querido e querida Mãezinha, abramos nossos corações ao Sol de Jesus.

Se não fosse a dor, como daríamos lugar à alegria em nossos corações?

E não fosse a tristeza das sombras, de que modo saberíamos avaliar a grandeza da luz?

Peço amor para todos. Deus não nos abandona. Não temos adversários e, sim, irmãos que necessitam de nosso entendimento e de nossas preces.

Estou certa de que meus apelos encontrarão eco nos corações amados.

Pais queridos, rogando à Divina Providência nos conserve unidos e felizes no trabalho que o Céu nos concedeu realizar, com muitas saudades, mas com muita confiança em Deus, beija-lhes os corações inesquecíveis, a filha sempre mais reconhecida.

DADINHA 1 0.11.80

AINDA SOBRE A DADINHA

Na noite de 1 de novembro de 1980, além da carta da Dadinha, o Sr. Augusto recebeu pelo Chico o seguinte recado, assinado por Joaquim Antônio Brandão:

"Augusto amigo, confiemos em Deus. Sou companheiro de suas tarefas e desejo identificar-me, a fim de acentuar a sua fé na Providência de Deus.

Meu nome é Joaquim Antônio Brandão e desencarnei na cidade de Cuiabá, onde a sua residência se fixou nos últimos anos, no dia 18 de fevereiro de 1933. Isto é verificável nos assentamentos da cidade.

Fui espiritualista e continuo espiritualista na Vida Maior, onde o seu coração dedicado ao bem possui numerosos amigos. Dentre eles, está o seu irmão e servidor muito grato de sempre."

Surpreso com a informação, o Sr. Augusto, que jamais ouvira falar de Joaquim Antônio Brandão e sequer era nascido em 1933, voltando a Cuiabá pôs-se a campo, para confirmar a informação recebida mediunicamente.

Em livro arquivado no Cemitério da Piedade de Cuiabá, único existente nos idos de 1933, na página 177, encontrou-se o assentamento, cujo fac-símile apresentamos ao leitor:

"Aos dezoito dias do mês de fevereiro de ano de 1933, as desessete horas, foi sepultado neste Cemitério da Irmandade do Glorioso S. Benedito, o cadáver de Joaquim Antônio Brandão, com 52 anos de idade, cor branca, casado, advogado e natural deste Estado, sendo Causa Mortis tuberculose pulmonar, como se vê no Certificado do Cartório do oficial do registro civil. Cemitério do 1.º Districto da Capital em 16 de Fevereiro de

1933." *

* Observe o leitor que o óbito foi registrado no livro do cemitério com a data de 16, não obstante ter-se verificado a 18 de fevereiro.

O Sr. Augusto, pai de Dadinha, esclareceu-nos a aparente contradição que, aliás, mais destaca a extraordinária revelação mediúnica. Sendo Cuiabá, na época, município ainda pequeno, os raros óbitos que aconteciam em um determinado mês eram anotados à parte e depois transferidos

para o livro competente, com o seguinte critério: no dia 15 de cada mês, registravam-se todos os falecimentos ocorridos na primeira quinzena e no

dia 16, todos os óbitos ocorridos na segunda quinzena do respectivo mês!!!

1 - Rodolfo Alves Lopes, sobrinho que Dadinha visitara pouco antes do acidente.

2 – Felicidade da Mata Cambraia, desencarnada no ano de 1946, em Patos de Minas.

3 - Carlinda da Mata Cambraia Pinto e Maria Alves, ambas falecidas em Patos de Minas, respectivamente em 1973 e na década de 60.

4 - e S - Personalidades muito respeitadas em Patos de Minas e já falecidas há mais de meio século.

6 - Irmão de Dadinha.

7 – Seus irmãos, Marluce Maria Alves Lopes

Marlene Maria Alves Silva

Iralva Maria Alves Pacheco

Eva Lúcia Alves Pacheco

René Adão Alves Pinto

Renato Alves Pinto

Ricardo Augusto Alves Pinto

JOÃO BATISTA MAMEDE DA SILVA

Mineiro de Monte Alegre de Minas, João Batista Mamede da Silva nasceu aos 29 de julho de 1965, deixando o convívio dos genitores com 16 anos de idade, vitimado por acidente rodoviário, no dia 15 de setembro de 1981.

Como fazer sem o Juninho, aquele tesouro que D. Divina e o Sr. João Evangelista receberam de Deus e que tanto lhes alegrava a vida?

O tempo se arrastava até que no dia 31 de outubro de 1981, mês e meio depois, em Uberaba, D. Divina recebe a carta-notícia do filho e, sobre ela, assim se expressa:

"Foi o fim de uma saudade-angústia e o despertar de uma saudade-trabalho.

As palavras de nosso querido Juninho deram-me forças para fundarmos a "Sopa da Fraternidade" com que transformamos a saudade em abençoado serviço à petizada de Monte Alegre de Minas.

A mensagem foi um "barco de salvação" para todos, particularmente para mim, pois a vida não mais tinha sentido.

Ah! se todos soubessem o quanto dói a partida de um filho e o quanto conforta uma carta espiritual, qual a do Juninho.

Deus abençoe as mãos dedicadas do nosso Chico."

Querida Mamãe Divina e Querida Tia Valdivina.¹

Venho pedir e agradecer.

Pedir-lhes apoio espiritual com que me reconfortam e agradecer todo esse carinho com que me alentam para a vida nova.

Ainda não consegui o chamado repouso a que se recolhe depois do transe em que ficamos para um lado e o corpo físico para o outro.

Venho confirmar que precisava afiançar-lhes as minhas várias tentativas de intercâmbio, de modo a que saibam que o acidente foi o acidente e que eu sou eu.

O tio Chico² me apanhou como se controla um menino pequeno para o regresso à casa, mas a Mãezinha Divina, transtornada em pranto, me obrigou a pedir ao tio paciência conosco.

Entramos os dois pelo esforço a dentro no sentido de dominar informações. Falei com o Reginaldo, conversei com a tia Valdivina, dialoguei com Marília³ e fiz quanto pude para dizer à Mamãe Divina que é preciso viver.

Somos, realmente, filhos do coração materno, copiando a pérola incrustada na concha, com a diferença de que a pérola é a querida Mamãe e que sou a concha estilhaçada.

De qualquer modo é necessário sabermos suportar a separação e continuar daqui para a frente em nossas condições diferentes.

O papai João Evangelista nos compreende. Ele sempre dizia que onde está a corda vive a caçamba, mas a caçamba não pode e nem deve rebentar a corda que sustenta tanta gente e cumpre valiosamente tantas tarefas, ao mesmo tempo.

Mãezinha Divina, agora que falei o que disse, creio que vou descansar por alguns dias. A nossa protetora Irmã Izoleta, que me conduziu às orações de nossa irmã Eliza,⁴ me afirma que, quando despertar, já estarei em meio à nova filharada que a cercará na sopa de fraternidade que o seu coração, com a tia Valdivina, vai refazer muito bem.⁵

Este é o processo de transformar a dor em utilidade.

Mamãe, não pense que vivo assim tão forte. Chorei até agora em que posso aconchegar-me no seu colo e orar com as suas preces, sendo seu filho outra vez.

A saudade é uma nuvem que nunca se desfaz. Por muito que a chuva de pranto a desgaste, a sombra se avoluma em lados diferentes, mas o amor pelas crianças que não são felizes, como eu fui, nos melhorará.

Estarei a seu lado servindo à mesa; rogando a Jesus para que a mesa se amplie sempre. Creia que não lhe faltarão recursos para ; a realização.

O tio Chico e a irmã Izoleta me dizem que somente depois do meu próximo descanso e que conseguirei avistar-me com o tio Juvenal Luiz.⁶

Por enquanto, estou nas medidas de que precisava para conseguir paz e esperança.

Agradeço à tia Valdivina e à nossa Marília o que fazem a nosso favor e abraçando o papai e beijando a sua face, esperando também que o seu carinho me beije para que eu possa dormir, sou, querida Mamãe Divina, o seu filho, sempre seu

JUNINHO

JOÃO BATISTA MAMEDE DA SILVA 31. 1 0.81

1 – Valdivina Arantes, tia materna, presente à reunião.

2 – Francisco Luiz Mamede, falecido em 1965.

3 - Reginaldo Alves Mamede, primo e padrinho. Marília Alves Mamede, pira do Juninho.

4 - Izoleta Vilela Alessandri, desencarnada em Monte Alegre de Minas, terra natal do Juninho, em 1969.

Eliza Maria Alessandri Reis, filha de Izoleta, dirigente naquela cidade mineira do Centro Espírita Lar de Jesus.

5 – Em louvor à memória do filho, D. Divina reiniciou as tarefas de distribuição de sopa às crianças de Monte Alegre de Minas.

6 - Juvenal Luiz Mamede faleceu com Juninho no acidente ocorrido no contorno da BR-365, em Monte Alegre de Minas – MG.

LEONARDO HENRIQUE MOGLIÉ

Quando Leonardo Henrique Moglié faleceu, em 17 de fevereiro de 1966, vítima de acidente na Estrada Osório – Tramandaí, Rio Grande do Sul, contava 28 anos.

Leonardo e sua jovem esposa, Yvonne Ellwanger Moglié, tinham, então, sete filhos, quatro legítimos e três adotivos.

Após a desencarnação, nos quinze anos de separação compulsória, até a recepção da mensagem por Chico Xavier, D. Yvonne adotou outros quinze filhos, de modo geral encaminhados pelo Juizado de Menores de Porto Alegre, muitos portadores de lesões neurológicas ou distúrbios de conduta graves.

Foi com surpresa que a Missionária do Bem, dedicada mãe de filhos desamparados, acompanhando caravana de espíritas gaúchas a Uberaba, organizada por Sady Soares Salatino, eminente espírita do Sul, recebeu a inesperada carta do esposo, eloqüente testemunho de amor do companheiro saudosos.

Sobre o texto psicografado, diz D. Yvonne:

“Minha vida de viúva com meus filhos e o mundo foi pontilhada de lutas titânicas, agressões físicas, acusações gratuitas, calúnias, renúncias e dificuldades pecuniárias que eu debitava na conta de Jesus e prosseguia na oração e no trabalho.

Mas alguém sempre nos socorria... Hoje sei que era ele, o esposo, o pai que em espírito voltava ao lar e o mantinha de pé: filhos me obedecendo, respeitando e me abraçando em prantos depois de furiosas tempestades.

Era a força do pai, atuando na fragilidade da mãe, fazendo-me a comandante enérgica e amorosa do nosso barco doméstico.

Já não me sinto só na educação de nossos filhos, porque ele está “rente” comigo em todos os encargos que abraçamos.”

Querida Yvonne. Deus nos abençoe sempre.

Sinto-me num grande momento.

Sei que o nosso intercâmbio é incessante, mas pedi aos nossos Instrutores me fornecessem ocasião para trazer-te o meu abraço, extensivo a todos os companheiros do Sul que o nosso caro irmão Salatino conseguiu arrebanhar para uma excursão de fraternidade, qual essa em que a vejo na condição de parte integrante do conjunto de amigos, com os quais partilhamos a nossa felicidade construída nos alicerces do trabalho e da fé em Deus.

Querida companheira, a nossa união não terminou naquele acontecimento difícil da estrada Osório - Tramandaí.

Podes crer que refletia no futuro de nosso querido Leonardo, o filhinho que Deus nos concedeu semanas antes,¹ quando fui compelido ao torpor em que me reconheci, de repente, desmembrado do veículo físico de que me utilizava, para ser o homem repleto de esperança e otimismo que sempre fui.

Amparado no recanto espiritual de nosso sempre lembrado instrutor Angel Aguarod Torrero,² restabeleci-me do choque e da mágoa compreensível a que me vi relegado.

Muito vagarosamente sabia que o teu ânimo não se abatera, que continuavas sendo a companheira valorosa, conquanto sofrida, depois do meu retorno ao Lar Espiritual e isso me reerguia, também, a coragem.

Os conflitos, comigo mesmo, não foram fáceis de vencer. Agora, porém, conforme sabes, desde muito tempo, aqui me tens contigo, dividindo as nossas tarefas com o carinho e a veneração de sempre, sentimentos que nutro por ti, porque não consigo olvidar que, também, fui a tua criança número um, a quem

conduziste para o discernimento que me vacinou contra a revolta, no momento em que me aceitava na posição do homem despejado de casa e do corpo físico, atendendo-se a uma vontade mais forte do que a minha.

Gastei tempo a fim de reconhecer que as determinações de Deus se expressam muito acima das nossas e que toda a criatura possui, na contabilidade do próprio destino, um livro de débitos e haveres que precisa ser revisado, de quando em quando.

O meu foi submetido a violenta inspeção no golpe que nos distanciou aparentemente um do outro; entretanto, por teus créditos, melhorei, por empréstimo, as minhas próprias condições e supor-tei, sem cair, a provação que nos atirou a tantas dificuldades e perguntas.

Agora, quinze fevereiros passados, estou quase no ponto que desejas. Não me suponhas longe de nossas tarefas e de nossos filhos.

A Lúvia e a Andréa com os problemas dos olhos, o Amílcar e as convulsões renovadoras, o nosso Leonardo aprendendo a pensar com segurança e a nossa Virgínia³ são todos realmente filhos de nosso imenso amor a Deus e aos nossos compromissos.

Serão, talvez, excepcionais para muita gente, no entanto, para nós ambos, são estrelas no céu de nossa felicidade.

Não necessitas de novas diretrizes para o trabalho em andamento.

Hoje, sei que muitos espíritos cultos na inteligência se fazem discípulos das mães consagradas aos filhinhos na intimidade do lar e, por isso mesmo, sou eu ou somos nós, os teus amigos espirituais, os teus aprendizes de sempre.

Não se sabe na Terra de faculdade alguma que ensine o amor pelo sacrifício de quem ama e essa prerrogativa pertence às mães, quais tu mesma, corações que se ocultam, voluntariamente, na penumbra do serviço incessante, a fim de que os entes queridos possam brilhar.

Estou rente contigo em todos os encargos que abraçamos. Nossa Débora e nosso Luiz permanecem, igualmente, em minhas preces nas quais rogo a Jesus os mantenham unidos e felizes.

E, lembro-me de que nossa querida Carina,⁴ também, merece a harmonia dos pais queridos, a fim de se desenvolver tranqüila e segura, tanto quanto desejamos.

Querida Yvonne, o nosso querido "papai" Paulo' continua recebendo todas as minhas atenções.

A vida continua no mais Além e o Amor é sempre mais Amor, quando a vida parece impor separação e distância a nós outros.

A saudade é urna fonte para os corações que se interligam nos mesmos caminhos de sonho e realização.

Vieste até aqui na companhia de muitas afeições e o mesmo acontece a nós os companheiros de visita à caravana de paz e solidariedade que constituíram, para compartilharem conosco desta noite de bênçãos.

Aqui se encontram, conosco, devotados obreiros do Senhor no campo da Verdade e da Luz.

Dentre muitos amigos, assinalo a presença de nossos mentores e irmãos Adalberto Pio, Simões de Mattos, Francisco Spinelli, Paulo Rosa, Israel Correa, Paulo Becker, Antônio Braz, irmã Remilha B. Braz, a irmã pelo coração Maria Remine Feijó, o amigo Carlos Krug Filho, o irmão Alaídes Machado, o amigo José Lopes Amarante, o casal Carlos e Mercedes Ferrari, o casal João Cândido e Morena Moraes' e muitos outros companheiros que se nos reúnem aos votos de paz e progresso, felicidade e segurança para a Humanidade inteira.

Estamos alegres e reconhecidos.

Não especificaremos nomes dos companheiros presentes, mas personificamos no amigo Salatino o nosso carinhoso exímia a todos.

E, entregando-te, como sempre, o meu devotamento de esposo e amigo de todos os dias, faço questão de reafirmar-te que continuo sendo, constantemente, o teu

LEONARDO

LEONARDO HENRIQUE MOGLIÉ 26.06.81

- 1 – Leonardo nascera dias antes do falecimento do pai.
- 2 - Guia Espiritual da Sociedade Espírita Paz e Amor, de Porto Alegre – RS.
- 3 – Leonardo -último filho legítimo do casal, portador de mongolismo. Livia, Andréa, Amílcar e Virgínia, filhos adotivos, excepcionais, lembrados pelo pai.
- 4- Débora, Luiz, Carina – respectivamente, a filha, o genro e a netinha.
- 5- Refere-se ao sogro, Paulo Ellwanger.
- 6 – Benfeitores Espirituais da Causa Espírita no Rio Grande do Sul, além de familiares desencarnados de companheiros gaúchos, presentes à reunião de Uberaba em que Chico recebeu a mensagem.

LÚCIO MANOEL LARSEN RICCIARDI

Carioca, filho único de William Ricciardes e de D. Nadar Larcen Ricciardes, Lúcio Manoel Larcen Ricciardes nasceu a 30 de outubro de 1955 e veio a falecer no Rio de Janeiro com 24 anos incompletos, no dia 15 de setembro de 1979, vítima de acidente de trânsito.

Espírito alegre, exuberante, colecionador de êxitos em vestibulares, cursava, ao falecer, o 2.º ano de Engenharia Mecânica, na Universidade Gama Filho.

A mensagem que apresentamos foi recebida por Francisco Cândido Xavier, em janeiro de 1981, e sobre ela, assim se expressou sua genitora:

"Essa comunicação com meu filho foi a razão de minha sobrevivência.

Agradeço o consolo que as mãos de Chico Xavier nos trouxeram - a mim e ao meu marido, porque sabemos que nosso filho está mais vivo que nunca e que podemos continuar zelando por ele como sempre fizemos.

E rogamos a Jesus, a cada segundo de nossa vida, permita que nosso filho saiba que nós compreendemos e sabemos que tudo aconteceu porque já estava terminada a sua missão e que ele só nos deu alegria e felicidade, e agora vivemos de suas lembranças, amando-o cada vez mais."

Querida Mãezinha Nadyr e Querido Papai William, recebam, com a nossa querida Tia Célia,¹ o meu pedido de bênção.

Estou, ainda, bastante "zaranza" para dar os "metros".

O acidente ficou inexplicável para mim.

Estávamos todos sóbrios, sem qualquer "mosquito" na cabeça. Conversávamos com alegria. Depois, num desses choques que ninguém espera, notei que me via apagado, com alguns sinais de juízo na cabeça, repentinamente desorientada.

Mamãe Nadyr, creia, ninguém estava no carro com os "macacos". "Bronca", nem de leve entre nós. O assunto ficou no impalpável.

Que eu pensei muito em você e em meu pai, não tenham dúvidas. Se pudesse, teria largado aquilo tudo p'ra abraçá-los e notificar que qualquer agouro não passava de "bulhufas", mas nada do corpo me obedeceu.

Nada consegui, senão entregar-me, como se malfeitores invisíveis me houvessem colocado numa gira diferente. Depois é que vi o Vovô Franklin² a me chamar.

A princípio julguei que estava acordado em casa, mas, o Carlinhos³ me apareceu de improviso e essas visitas me fizeram parar de assombro...

Com muita alegria vim a saber que perdera o corpo e envergava outro. E eu, que não sabia que era dono de um corpo dentro do outro, procurei não me "esquentar" com perguntas, quando, na realidade, me sentia fraco e doente.

Um amigo, Francisco Ricciardi,⁴ também veio ao nosso encontro; disse-me que vinha pelo Papai William; mostrou-se tão compreensivo e tão amigo que observei nele a continuação do Papai.

Agora, Mãezinha, é vida nova. Já choramos tanto, que o próprio Vovô Franklin me afirma que precisamos aceitar a renovação.

Grande companheiro, o Vovô! Ele roga coragem à Tia Célia, informando a ela que a morte não passa de mudança, mas, para quem é obrigado a se mudar. Nessa questão, diz ele, toda pessoa deve esperar o momento que surgirá para todos os que vivem.

O Vovô Franklin está muito preocupado com a Tia Célia e pede-lhe não se "gamar" com a idéia de morrer, porque esse portão invisível, apenas deve ser

destrancado de onde estamos e nunca do lado físico, porque a criatura não deve se aventurar ao desconhecido.

Diz ele que a Tia tem sofrido muito. No entanto, ela precisa entender que o Tio Álvaro seguiu uma estrada escolhida por ele mesmo, e que ela prossiga no caminho de sempre. Agradece tudo o que fazem por Vovó, que se acha muito abatida.

Mãezinha Nadyr, sei que o seu carinho se detém a pensar em nossa irmãzinha Moema.⁵ Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que se encontrem, e se Deus me conceder essa "festa", sei que a sua bondade e a bondade de meu pai William tudo farão para auxiliá-la, e creiam que ela merece.

Mãezinha, agradeço as suas orações, as suas flores e os seus pensamentos em minha direção. Quanto possível, não permita que os outros me recordem, à maneira de um farrapo na terminação da experiência do corpo. Que me recordem feliz! Sempre com um sorriso a mais e uma carranca a menos.

Ao papai William, o meu reconhecimento pela compreensão iluminada de amor com que me recorda.

Confiemos em Deus. Tudo vai passando com o tempo, menos nós, que somos de Deus e, por isso mesmo, pessoas que nem a morte consegue aniquilar.

A Vovó Rosa⁶ tem-me tratado com o carinho máximo. Enfim, queridos Pais, de nada me queixo e nem mesmo de mim, porque tenho consciência de que não voltei para cá por desatenção ou desrespeito a situações e pessoas.

Graças a Deus, só a saudade me complica; no entanto, saudade, como diz o Primo Carlinhos, é uma espécie de teia de aranha que aparece por qualquer lugar, por onde o espanador do trabalho ativo e constante não gosta de passar.

Estou no ponto de riscar o ponto final, mas isso é somente nas letras. Continuaremos unidos, conversando pelo "sem-fio" dos pensamentos.

Tia Célia, pedimos para que se encoraje. Combine com a Mamãe novos meios de produzir em benefício dos desamparados, e sigamos para a frente.

Papai William e Mamãe Nadyr, perdoem o tom de gracejo no qual procura vaziar as emoções que sinto.

Nós sabemos que, muitas vezes, no mundo, o palhaço é quem mais chora, mas chora sob as tintas do disfarce bendito com que Deus lhe confere o dom de "sacar" a alegria dos que estejam fatigados e tristes.

Para ambos, Pais que adoro com toadas as minhas forças, todo o amor e toda a confiança do filho agradecido.

LUCINHO

LÚCIO MANOEL LARSEN RICCIARDI 24.01.83

1 - Tia materna, Célia Larsen de Andrade Ramos.

2 - Avô materno, Franklin Dutton Larsen, desencarnado em 1979, aos 80 de idade.

3 - Carlinhos, primo já falecido, Carlos Alberto Larsen Carvalho.

4 - Avô paterno, Francisco Maria Ricciardi, falecido em 1964, com 54 anos.

S - Colega do Lucinho que estava junto dele na hora do acidente.

6 - Bisavó materna, Rosa da Silva Oliveira, desencarnada, em 1968, aos 83 anos.

MÁRIO NEVES

Mário Neves, esposo de Lynette Lins Neves, nasceu no Recife, aos 25 de maio de 1912, tendo aí falecido a 5 de julho de 1979, com 67 anos.

Por razões que a vida, muitas vezes, não nos revela, o casal não pôde desfrutar, em seus vinte anos de união, da felicidade tão anelada pelas almas afins, em função das responsabilidades filiais de D. Lynette para com a genitora, gravemente enferma, e que, pela própria enfermidade, não aceitava o genro, obrigando ambos a adotarem compulsória separação, conquanto permanecessem próximos, a fim de que a mãezinha de D. Lynette não renteasse desequilíbrios maiores.

Pela mensagem que ora apresentamos, podemos observar as dificuldades encontradas por filha e genro no relacionamento com D. Anunciação, tendo sido possível ao genro e esposo amoroso, apenas no Plano Espiritual, tecer novamente o ninho de paz em que ele e D. Lynette voltaram a ser felizes.

Sobre a carta do marido, assim se expressa D. Lynette:

“No dia 28 de novembro de 1980, recebi, pelas mãos amigas do nosso Chico, a carta maravilhosa que o Mário me enviou.

As palavras do meu marido deram-me forças para que iniciasse trabalho em prol de nossos irmãos hansenianos do Recife e participasse de outras tarefas assistenciais, em louvor à memória do querido esposo.”

Querida Lynette. Deus nos abençoe e nos fortaleça.

Venho agradecer as suas preces e esperanças desta semana de aniversário e positivar a realidade - a realidade de nossa união imperecível.

Nada nos separou, acontecimento algum foi capaz de desligar-nos os corações.

Não posso negar que os dias longos em que me vi materialmente à distância de seu carinho me doeram bastante. Andava na fixação de todas as horas, na necessidade de estar ao seu lado e de acompanhar o trabalho que foi sempre nosso. Entretanto, o nosso dever foi cumprido.

A nossa Anunciação¹ era também Medina mãe. Nunca a enxerguei noutra posição que não fosse essa, porque me havia dado você, a perola de meu caminho, por minha riqueza única.

Compreendemos nós dois que outra alternativa não nos restava, senão a de aceitar-mos aquela ausência um do outro que a enfermidade da nossa querida mãe nos impunha.

Querida sogra e abençoada benfeitora! Por que haveríamos nós de contrariá-la, se a amávamos tanto?

Sei quanta dificuldade experimentava a nossa doente com a minha própria voz, querendo graças a Deus por havermos executado o que prometêramos um ao outro: esperar que as circunstâncias me permitissem a volta para a nossa vivência em comum como nosso Rinaldo...

Esperávamos e esperávamos... Até que o nosso irmão infeliz me assaltou na residência do tio Álvaro.²

Querida Lynette, eu estava ainda tão batido pelas experiências do mundo que o tiro desfechado contra mim era uma espécie de mudança necessária e que me cabia aguardar, a fim de me descartar da tristeza injustificável que me seguia...

Perdoe-me se digo a você tudo isso, mas não será justo ignorar que as obrigações da renúncia mesmo justas, quanto as nossas, para com a nossa mãe doente, significam sempre um sofrimento muito grande, embora esse sofrimento esteja revestido de paz.

A falar com franqueza, não sei quem foi o companheiro infeliz que sacou da arma contra mim...

E, agradeço ao seu amor a tranqüilidade que me deu, deixando o problema para Deus. Ele ou eles apenas apagaram meu corpo, mas não a minha alma.

O sono para mim foi ligeiro. Acordei depois de algumas horas com a mãezinha Ana Rosa³ que fazia de mim criança outra vez com seus afagos!

Avós e pais, transformados em companheiros, especialmente os nossos benfeitores Gaspar e Júlio,⁴ me reergueram as energias e pude voltar a vê-la.

Pedi - mas pedi com muita fé em Deus -me fosse concedida a oportunidade de velar em sua companhia, em auxílio da mãezinha Anunciação, e, conquanto praticamente cega, ela conseguia ver-me ou perceber-me com a visão interior, com os meus sentimentos filiais e não mais me reacusou a presença.

Lynette, como é doce o fel das dores sofridas - depois dessas dores sofridas!

Nossa querida mãe veio para a Vida Espiritual, abençoando-me, embora, por enquanto, não me reconheça na personalidade do genro que, por amor, é minha obrigação disfarçar.

Ela está melhorando sempre e nossos débitos estão resgatados.

A morte do corpo apresenta estas peculiaridades - em que muita gente desata os laços terrestres e, em muitos casos, qual o nosso, reúne os corações para sempre.

Esposa querida, Deus a abençoe por todo o bem que nos fez, orientando-me e definindo-me os rumos.

Deixe que o nosso Rinaldo experimente as estradas que deseje e, tanto quanto possível, auxilie ao Edson e ao Saulo⁵ que são igualmente os filhos que não tivemos e que a Bondade do Senhor nos deu a zelar.

Agradeço as suas orações e os seus pensamentos do silêncio. Não se sinta a sós, porque, enquanto Jesus me permitir, estarei em nossas tarefas recíprocas, até que, um dia, chegue para nós ambos à união para sempre.

Com isso, não desejo o seu regresso apressado à Vida Maior, porquanto a sua vida é preciosa e, com a sua vida, continuo sendo o seu aprendiz de sempre.

Venho na companhia da Mãezinha Ana Rosa e ao dizer o meu "até depois", envio à nossa Maria⁶ os meus agradecimentos.

Nada possuo para retribuir as riquezas de amor que recebi de seu devotamento, mas pedindo a Jesus faça você sempre feliz em sua existência maravilhosa de irmã dos que sofrem, rogo-lhe receber todo o amor e todo o reconhecimento do companheiro, sempre seu, o seu

MÁRIO

MÁRIO NEVES 28.1 1.80

1 - Maria da Anunciação Ferreira Lins, sogra do comunicante, falecida a 18 de setembro de 1980, pouco mais de um ano após a desencarnação do genro.

2 - Álvaro Passos, tio do comunicante.

3 - Ana Rosa Maurício Ferreira, avó materna de D. Lynette, falecida em 1928.

4 - Gaspar Neves, genitor de Mário Neves e Júlio dos Santos Ferreira, avô materno de D. Lynette, desencarnados em 1937 e em 1901, respectivamente.

5 - Rinaldo da Costa Lins, Edson Walter da Costa Lins e Saulo José da Costa Lins, sobrinhos, criados como filhos adotivos do casal.

6 - Maria José Raimunda da Silva, companheira de serviços domésticos de D. Lynette.

MAURO ANTÔNIO CAMPOS PAIVA

Natural de Jataí – GO, Mauro Antônio Campos Paiva nasceu a 13 de junho de 1955 e faleceu em acidente de moto, na capital do País, em 21 de maio de 1978, bem próximo de seus 23 anos.

Filho de Mário Paiva Freire e de D. Benta Campos Paiva, residentes em Goiânia, Mauro Antônio, 15 meses depois, escreveu aos pais, através de Chico Xavier, a bela mensagem a cujo respeito assim se expressou o genitor:

“As palavras de Mauro, pelo Chico, trouxeram-me total alegria, pois, em verdade, nunca me supus merecedor de tanto amor.

Sabia que minha esposa merecia tal graça e sabia que Mauro tinha qualificações espirituais elevadas, pois gostava de ajudar os menos felizes, arrecadando roupas com os amigos para distribuí-las nos asilos de nossa cidade, além de ser amoroso e terno para com todos.

Lembro-me de que o nosso filho gostava de correr até o alto dos morros para ver o pôr-do-sol, o que interpretávamos como uma prece de gratidão ao Criador, pela sua vida feliz, alegre e descontraída.”.

Querida Mãezinha e meu querido papai Mário. Rogo-lhes a bênção para o filho de volta.

Nunca imaginei um reencontro assim qual este em que os vejo sem que me vejam, como se fosse obrigado de minha parte a ocultar-me por traz de uma tela desconhecida.

Mas... sou eu mesmo, tentando escrever-lhes com o auxílio de meu avô Chico Honório.¹ Sei como sofreram pelo que sofri.

Mãezinha, não chore tanto por seu filho, especialmente quando a sós me procura alguma lembrança para memorizar-me.

Papai, a vida é repleta de surpresas. Aprendi desde cedo, que a pessoa deve estar preparada para qualquer acontecimento; no entanto, quando o carro estranho me atirou a moto para os ares, num relâmpago de tempo, imaginei mil assuntos.

Os pais queridos, a família, a vontade de viver, o receio da morte, o espanto à frente do desconhecido, os deveres em andamento, os afetos que nos integram à vida; tudo, tudo passou diante de mim, como se eu pudesse misturar tanto expediente num só, a certeza de que perderia o corpo...

Dor não senti. Creio que o assombro nos acidentes que nos estragam a roupa física, com marcas irreversíveis, nos embota a sensibilidade. A ordem era aquietar-me e dormir sem querer...

De nada mais me lembro senão do salto inesperado e compulsório...

O despertar foi outro problema, porque se não senti dores a princípio, acordava num corpo em tudo semelhante àquele que perdera e sofria...

Aqui me dizem que os remanescentes da desencarnação divergem de pessoa para pessoa. O que sei é que me supus hospitalizado em Brasília ou em Goiânia, e, somente quando minha avó Claudina se aproximou de mim com o Henrique Gregório,² o amigo que, ainda, me auxilia intensivamente, é que entendi que me enquadrara em outros problemas.

Não preciso dizer que tenho gasto tempo, a fim de conformar-me, entretanto, foi o Henrique, amigo que se me fez irmão, quem me informou que a revolta me impossibilitaria qualquer contato mais próximo com a família e, em razão disso, considerando o meu próprio interesse, procurei harmonizar-me com os fatos consumados.

Venho pedir-lhes paciência e serenidade. Afinal, tenho outros irmãos aí na Terra, carentes de afeto e proteção, qual eu mesmo, e peço aos pais queridos me

procurarem neles, especialmente naqueles que se sentem desligados da presença de pais e mães que perderam ou que se notam desamparados para a solução das necessidades mais simples.

Queridos pais, não estou pregando bondade a quem já se fez a própria bondade na vida, mas, peço para continuarmos unidos na estrada dos que sofrem mais do que nós mesmos, porque tenho necessidade desse curso bendito.

Com o meu avô Honório e a vovó Claudina estou seguindo num pedaço da família. Já posso ir até em casa e aprendo a orar com as lembranças da vovó Laura.³

Mãezinha e querido pai, abençoem a minha vida nova. Recordem-me, querendo fazer o bem, a começar por aqueles que não nos fizeram mal e que as circunstâncias apontaram como sendo autores da prova de que somos necessitados.

Lembrem-me com a esperança que me iluminava o coração e retirem a tristeza de cima de nossas recordações para que haja um novo amanhecer para nós.

Preciso e preciso muito vê-los felizes e recuperados, quanto à Paz de que se imaginam lesados.

Com o auxílio de casa vou ampliar os meus conhecimentos e abraçar o trabalho de modo intensivo, para que num dia que espero estar muito longe, possa eu também acolhê-los com o amor com que fui recebido.

Continuo a pensar no melhor e no melhor me deterei para ajudar o tempo.

Desejaria expressar mais longamente o que sinto, mas a quota do tempo que me concederam já se foi. O coração não sabe escrever curto.

Meu afeto a todos os nossos que continuam cada vez mais vivos dentro de mim e recebam queridos pais, tesouros de minha vida, o carinho total do filho que está aprendendo a pedir a Deus que nos abençoe e nos faça sempre e cada vez mais felizes.

Sempre o filho, muito grato,
MAURO ANTÔNIO

MAURO ANTÔNIO CAMPOS PAIVA 24.08.79

1 - Francisco Honório, avô materno já desencarnado.

2 - Henrique Gregóris, amigo desencarnado em Goiânia. Maria Claudina, avó materna, também domiciliada no Plano Espiritual.

3 - Avó paterna, falecida no Rio de Janeiro em 31 de julho de 1981. Encontrava-se encarnada quando da recepção desta mensagem.

ROSEMARI DAURÍCIO

Rosemari Daurício - Rose, como carinhosamente a chama D. Therezinha de Jesus Beraldo, sua genitora – nasceu em São Paulo a 27 de outubro de 1953, deixando nosso convívio, em decorrência de acidente de trânsito, com 23 anos, no dia 18 de dezembro de 1976, na capital paulista.

Filha única, inseparável companheira da mãezinha, convivendo ambas com ingentes dificuldades materiais, sua vida foi um constante testemunho de amor e de respeito a tudo que a cercava.

Seis meses antes, previu a morte, lembrando às pessoas mais chegadas que “estava de partida para a outra vida, onde prestamos contas de nossos atos”.

Da separação até o reencontro, com a mensagem mediúnicamente recebida por Chico Xavier, assim nos falou D. Therezinha:

“Rose partiu para a Pátria Espiritual, quando chegava o Natal de 1976. Para mim, o mundo acabou. Sempre às voltas com os calmantes, emagrecendo, em poucos meses, mais de vinte quilos, resolvi ir a Uberaba conhecer o Chico, pois nunca o tinha visto, sequer pela televisão ou revistas.

Devo minha vontade de continuar vivendo a Chico Xavier, a quem peço a Deus abençoar, fortalecer, para a continuidade de suas tarefas, pois, foi o Chico que me transmitiu e transmite força para prosseguir lutando na Terra, até chegar minha hora de partir.”

Querida Mamãe, abençoe sua filha.

Venho pedir seu auxílio.

Meu avô Francisco e minha tia Maria¹ velam por mim e me receberam de braços abertos.

Recorde a lembrança de Jesus que ofereci à senhora antes de vir para cá.² Jesus protegerá seus dias, querida mamãe.

Não julgue que procurei a morte para prestar-lhe auxílio.³ Minha querida Mãe Therezinha, eu não faria isso. Éramos nós duas a lutar pela vida, escoradas uma na outra.

Não teria coragem de abandoná-la, porque a senhora nunca me abandonou. Acontece que eu pensava distraidamente nas festas de Natal, quando perdi o controle do volante e me deixei esmagar por outra máquina.

Simple encontro de máquinas e a provação no meio do assunto, para que os princípios da vida se cumprissem.

A única tristeza que ainda tenho é a de vê-la em lágrimas incessantes, julgando que sua filha teria procurado a morte, para que seguros e pensões lhe dessem a tranquilidade merecida.

Isso não aconteceu. O desastre não foi provocado. Sofri as conseqüências de alguma vida passada que ainda não sei penetrar. Meu avô Beraldo⁴ promete explicar-me, logo que eu a veja serenada.

Não chore mais, nem se sinta sozinha. Muitos parentes do lado Daurício e da parte Beraldo estão me auxiliando.

Por outro aspecto, não creia que namorados ou afeições da Terra me fizessem desiludida. Trabalhava com ânimo firme e pretendia continuar os estudos, para que nós duas encontrássemos um futuro melhor. As leis de Deus, porém, me trouxeram mais cedo.⁵

Agora, peço-lhe calma. Tudo está melhorando. Recorde o que eu lhe dizia:

– Mamãe, fique tranqüila, porque realizaremos todos os nossos desejos. Eu não falava isso, pensando outra coisa. A senhora não está só. Pense no muito que poderá fazer pelos que sofrem mais do que nós.

Logo que possível, peço para que a senhora faça parte de um grupo de ação cristã, onde esqueça o que deve ser esquecido. O fardo mais pesado que se carrega no mundo somos nós mesmos, quando não dividimos o tempo e a vida, em favor de outras pessoas.

Às vezes, querida Mãezinha, pensamos beneficiar alguém, com esse ou aquele recurso de que sejamos portadores, mas o bem não fica nisso. A pessoa, que nos recebe o concurso, nos auxilia a diminuir a carga de nossas tristezas e lembranças.

O pão que se dá na caridade é a moeda de Deus com que compramos alegria e esperança.

Não fique imóvel com as nossas recordações. Estenda, Mamãe, as suas mãos para ajudar, pensando que estamos juntas. E estaremos mesmo juntas, porque o amor não desaparece.

O que a senhora possui é seu, é conquista sua. Nada recebeu por favor, porque, se fôssemos contar os seus sacrifícios por mim, a conta seria inesgotável.

Não se esqueça de Deus e cultive a oração. A prece é uma luz que nos transforma por dentro.

E creia que serei sempre sua filha reconhecida, aprendendo agora a trabalhar de outro modo, a fim de ser mais útil.

Abençoe a sua Rose e receba um beijo de carinho e gratidão na face carinhosa e sofrida – aquele mesmo beijo com que procurava surpreendê-la, quando voltava do trabalho ou quando a encontrava desprevenida.

Muito grata por tudo o que a senhora fez e faz por mim e guarde no coração a alma toda de sua filha agradecida.

ROSEMARI 1 5.10.77

1 - Respectivamente, bisavô e tia do lado paterno, já falecidos.

2 - Extraordinária revelação! Pouco mais de um mês antes de falecer, Rose presenteou a mãezinha com um quadro de Jesus.

3 - Rose possuía seguro de vida, sendo D. Therezinha sua beneficiária.

4 - José Beraldo, bisavô materno falecido há 45 anos.

5 - Referência a carta que D. Therezinha encontrara entre os guardados da filha.

SÉRGIO LUIZ DE MOURA

Sérgio Luiz de Moura Rocha nasceu na capital paulista a 8 de julho de 1965.

Habilidoso, extrovertido, alegre, muito solícito, Serginho partiu para a Pátria Espiritual nas primeiras horas do domingo, 25 de janeiro de 1981, em Mongaguá, município de Itanhaém, litoral paulista. Contava 15 anos.

Os pais, Luiz Rocha e Maria Luíza de Moura Rocha e os irmãos, Tânia Maria e José Luiz, mergulharam em profundo abatimento de que começaram a emergir, a pouco e pouco, após os contatos com Chico Xavier que culminaram com a recepção da página mediúnicamente que lhes as serenou o espírito.

Segundo os genitores, a mensagem do Serginho faz parte de suas vidas.

Do longo depoimento que guardamos em nossos arquivos, vale ressaltar, ainda, a seguinte passagem, envolvendo a cristalina mediunidade de Chico Xavier:

Quando os pais tiveram o contato inicial com o médium, Chico Xavier, sem qualquer entendimento anterior, disse a D. Maria Luíza:

“Como você está sofrendo, mas fique tranqüila que o seu filho está bem.”

Surpresa, D. Luíza mostrou-lhe a fato do Serginho e o Chico, de imediato, obtemperou:

“Ele levou um tiro no coração, mas foi muito recente, não sendo possível receber uma sua mensagem assim tão cedo.”

Os pais se entreolharam surpresos, pois Chico Xavier de nada sabia, sequer os conhecia...

Voltaram mais duas vezes a Uberaba e na terceira viagem, 4 meses e meio após a desencarnação, Serginho trouxe-nos a carta que se segue.”

Querido papai Luiz e querida mãezinha Iza, peço-lhes me abençoem.

Quero dizer mãezinha Iza e não Luíza, lembrando-me de que estamos tão necessitados de ternura em casa.

Queridos pais, ao que me parece, estou certo apenas de que era domingo.¹

Ignorava que me achava nessa despedida estranha em que se dorme num lugar e se acorda em outro e que a pessoa deixa o corpo em que morava, assim como a lagarta se descarta do casulo para ser outro ser, embora continue com a mesma identidade.

A princípio, compreenderão que foi aquele desmaio de que ninguém se livra, quando se vê sob a sentença de despejo da forma em uso.

Um sono terrível. Sono de muitos tranqüilizantes condensados. Lutei por não me apagar, mas tudo inútil.

Não sei o que sucedeu depois. Essa história da morte parece mágica de bruxas invisíveis. Digo isso, porque uma névoa estranha nos envolve de tal maneira que é impossível reagir.

Afinal despertei no recanto que me pareceu casa de saúde ou qualquer instituto congênere.

Muitas pessoas em torno, faces desconhecidas, gente de hospital acostumada a ver o sofrimento e que não se volta, a fim de acudir aos nossos chamados ou assim me pareceu de começo.

Demorei tempo enorme a aceitar tudo aquilo. Queria vê-los a qualquer preço. Por fim, foi a vovó Maria Luíza² uma espécie de fada benfazeja que se colocou a meu encontro e, com paciência e carinho de mãe, me explicou que a minha situação alcançara novo sentido.

Solicitou permissão para transportar-me até nosso ambiente e lá me fui.

Doeu-me ver o papai cismarento e a mamãe em lágrimas. Nada me adiantou o esforço para fazer-me visto e ouvido. A vovó me explicou que nos achávamos em outra faixa de vida; procurei a Tânia e o José Luiz,³ nada consegui.

Então, foi o choro do menino contrariado, lágrimas que me rolavam dos olhos, depois de nascidas do coração.

A vovó e um amigo, que me recomendou chamá-la por vovô Rocha,⁴ me reconfortaram e, por vezes diversas, me avalizaram as voltas ao carinho da querida família e posso ver agora que as dificuldades para a recomposição da harmonia geral ficaram maiores.

Querida mamãe, venho pedir a sua bondade para que nos proteja sempre. O papai se mostra assim tão fatigado com os problemas de 1981 que estou sem coragem de me dirigir a ele porque sei que, quanto me ocorre, o querido pai Luiz, também, esta esmolando a sua paciência conosco.

Mamãe Iza não me creia ausente. Estou a seu lado, buscando fortalecê-la, conquanto disponha de tão escassas energias para comunicar-lhe.

Perdoe-nos, por estarmos todos acabrunhados e abatidos. Aqui falo no plural, porque tomo a frente pelo papai e pelos irmãos queridos a fim de reafirmar ao seu carinho que nós a amamos cada vez mais.

Pergunte à vó Benedita⁵ se está certo ficarmos, por vezes, como se estivéssemos de mal uns com os outros.

Mãe querida, papai e nos estamos sofrendo ao vê-la cansada e triste. Não se canse de nós, mamãe querida, precisamos de sua proteção e de sua paciência.

Olhe que o papai e nós somos as suas crianças. Abençoe-nos.

Se posso, desejo pedir ao seu coração desterrar para longe quaisquer tristeza. Veja mãezinha, que o papai vive para nós somente. A dor no coração dele é uma nuvem que ainda não conseguimos dissipar.

Ele pensa e repensa sobre vida e esbarra sempre em seu Serginho, procurando explicação para o adeus imaginário que houve entre nós. Entretanto, só as forças divinas, realmente, poderiam esclarecer a morte ou a desencarnação de alguém.

Aceitemos os acontecimentos como são e esperemos por Deus.

A maior parte daquilo que vemos no mundo é indevassável ao nosso raciocínio e, por isso, se não é justo que reclame de meu pai atitudes do coração que, sobretudo, existem no sentimento maternal, rogo à sua bondade acolhemos, como sempre, tais quais somos e ajude-nos, auxiliando ao papai.

Querida mamãe Luíza, não posso escrever mais. A vovó e outros amigos, que me trouxeram, dizem que falei o bastante.

Não sei. Queria pedir muito mais ainda...

Queria pedir o seu perdão, se seu filho regressa para endereçar-lhe tantas rogativas. Desculpe-me se fui menos feliz com tantas palavras de amor e de ansiedade. Quis falar-lhe do nosso amor e saiu isto aí. Perdoe-me.

Muitas lembranças aos irmãos e recebam, os dois, o coração reconhecido e saudoso do filho que continua vivendo, sobretudo, vivendo para vê-los, cada vez mais felizes.

SERGINHO

SÉRGIO LUIZ DE MOURA 12.06.81

1 - Serginho faleceu num domingo, nas primeiras horas do dia 25 de janeiro de 1981.

2 - Maria Luíza da Conceição, bisavó-materna, desencarnou aos 89 anos, a 26 de maio de 1951.

3 - Irmãos do Serginho, Tânia Maria e José Luiz de Moura Rocha.

4 - Vovô Rocha – Na ocasião, Chico Xavier disse ao pai do Serginho que o vovô Rocha, acima mencionado, se identificara, em espírito, como

Antônio Rocha. Regressando a São Paulo, o Sr. Luiz, em vão, buscou descobrir quem era Antônio Rocha. conseguindo fazê-la, após insistentes buscas, ao manusear antiga certidão de nascimento do genitor em que constava o nome de Antônio Rocha, tataravô do Serginho.

5 - Avó materna, Benedita Dias de Moura.

SIDNEY FAVA

Filho de Valdemar Fava e Neyde de Sá Camboa Fava, o jovem Sidney Fava nasceu no dia 21 de fevereiro de 1960, em São Paulo, aí falecendo, aos 16 anos, vítima de acidente de trânsito, na tarde de 7 de novembro de 1976.

Dinâmico, lutador, ainda muito jovem já trabalhava durante o dia e estudava à noite.

Quando faleceu, tinha o curso ginasial completo e preparava-se para o vestibular na Escola de Cadetes da Força Aérea Brasileira.

Sobre a mensagem do filho, assim falou-nos a genitora, D. Neyde:

“Não me conformava com a sua repentina partida de forma tão brusca e queria, pelo menos, uma despedida com algumas palavras.

Fui, por três vezes, a Uberaba e em abril de 1977, 5 meses após o falecimento, nosso filho voltou pelas mãos de Chico Xavier.

Finalmente minhas preces foram ouvidas e recebi uma mensagem que aliviou-me o coração e a alma.

Hoje, sinto-me bem melhor, graças a Deus e a Francisco Cândido Xavier, a pessoa a quem recorri na hora da dor.”.

Querida MÃEZINHA

Sou seu Sidney, pedindo a sua bênção.

Mamãe, venho com a tia Cândida e com avô Manoel,¹ muito indeciso ainda de minha parte.

Estou ligado à sua dor e à sua saudade, como a chama numa vela.

Seu sofrimento é meu, suas lágrimas estão em meus olhos, desde novembro, quando acordei na escola-hospital, onde vivo.

Eu não sei se sou a senhora ou se a senhora se Transformou em seu filho, porque não desejo vê-la sofrer tanto, porque não desejo ver o meu pai com tanto vazio no coração.

Mãe, perdoe tudo, ninguém teve culpa; se eu pudesse, queria ajoelhar-me aos seus pés e aos pés de meu pai e pedir pelo nosso amigo Derly.²

Mamãe, eu estava distraído, pensando nos estudos e, com certeza, não vi que o veículo se aproximava.

Mamãe, tudo foi rápido. Os que me ensinam aqui a necessidade de esquecimento, me dizem que tudo devia acontecer como aconteceu. Escuto seus pedidos nas orações: se você existe, conte meu filho, conte à sua mãe o que houve! venha falar-me, Sidney, você sabe que tudo esperávamos de você.

Mãe, se me fosse possível, nestas horas de sua luta maior, eu queria entrar em seu coração querido, para refazer a sua paz.

Existo, sim! mas, estou sem meios de seguir adiante, porque eu preciso, mãezinha, que você e meu pai perdoem a vida e perdoem a todos os que estiveram no caso de minha provação.

Nossos amigos do Tatuapé³ não tiveram culpa e, se o nosso irmão Derly não aparece tanto, como desejávamos que ele estivesse ao seu lado, ao lado de papai e de nossa Elizabeth,⁴ é por que ele também sofre.

Mãezinha querida, pense que poderia ser eu, seu filho, no volante...

Se tivesse acontecido a ocorrência sob minha responsabilidade, você teria a certeza de que eu nada teria feito conscientemente. As máquinas hoje são muitas, e dizem aqui os professores que encontrei, que as nossas dívidas de existência do passado são também numerosas.

Peço-lhe de joelhos! Perdoe e perdoe sempre, o mesmo rogo a meu pai, porque temos muito a fazer.

Não é só a Elizabeth a esperar por nós, são os outros que sofrem. Mamãe, eu não sei o que está acontecendo com seu filho, parece que a nossa casa ficou maior, que as pessoas em sofrimento que eu não via, são também nossas e que a gente sofre para aprender a enxergar a vida.

Mãezinha, você que é tão compreensiva e tão generosa, você e papai que sempre me deram tudo aquilo de que eu necessitava, ajudem seu filho a libertar-se de lembranças que devo esquecer.

A saudade com a sua mágoa em torno de alguém é uma carga que pesa muito.

Mãe, eu preciso de sua alegria e de sua saúde; eu queria escrever muito, mas estou ainda quase como naqueles dias de nossa separação.

Ouçó suas preces, os seus pedidos a Deus, escuto o que você pergunta – Por que, Por quê?, mas muitas respostas da vida, eu creio que só teremos com o tempo; no entanto, mãezinha, sabemos que Deus é amor e providência, que Deus não nos abandona.

Às vezes, sinto a sua mágoa envolvendo meu coração, como se eu tivesse dentro de mim uma nuvem de lágrima.

Mãezinha, suas forças e sua compreensão serão fé e existência em meu pai. Não me sintam ausente para sempre, não creiam que houve um adeus entre nós.

Rasgou-se o corpo, como se estraga um uniforme para a vida escolar, mas eu mesmo estou vivo e partilhando as suas preces e tentando respondê-las.

Mamãe, ajudemos aos outros meninos. Agora penso mais nos que se dirigem para os estudos, de cabeça ocupada com os livros e com a necessidade de atravessar as praças e ruas de movimento.

Mãezinha, auxilie-me a trabalhar, esquecendo o que se passou e só o trabalho do bem, no bem para os outros, é capaz de ajudar-nos nesse esquecimento necessário.

Ainda estou muito fraco, mas pedi tanto para escrever que não me negaram essa possibilidade, porque você de novembro para cá ficou doente e sem forças.

Seu filho quer vê-la tão bem como antes, muito alegre e muito bonita, parecendo irmã de seus filhos e noiva de meu pai.

Mãezinha, lembre-se de que a sua alegria será nossa alegria. Perdoe-me, se me expresso sem forças para falar tudo quanto desejo, mas estou ainda muito ligado no que aconteceu.

Agradeço as orações dos nossos e agradeço a você pelo imenso amor de suas preces e de suas flores em minha intenção.

Vou terminar esta carta, repetindo para você - Fique tranqüila, mamãe, pois tudo esta bem.

Um beijo em nossa Beth e um abraço ao papai. Mãezinha, ore por mim, pedindo a Deus me faça tranqüilo para progredir e saber estudar e escrever com mais segurança e mais segurança.

E de coração em seu coração, peço para colocar minha cabeça mais cansada em seu colo e dizer que estou feliz.

E saiba que seu filho lhe guarda as mãos com carinho, como sempre, em minhas próprias mãos, e abraço a sua ternura de mãe com um beijo de todos os dias, em que beijava Deus em você.

Seu filho, sempre seu, sempre seu,
SIDNEY SIDNEY FAVA 17.04.77

1 - Maria Cândida Peres Júlio, tia materna, falecida em São Paulo a 16 de abril de 1974, com 75 anos.

Manoel de Sá Camboa, avô materno que deixou nosso convívio, aos 59 anos, no dia 17 de setembro de 1954.

- 2 - Vizinho, amigo da família que infortunadamente atropelou o Sidney, em involuntário acidente.
- 3 - Bairro de São Paulo onde residem os pais do Sidney e também o Sr. Derly.
- 4 - A irmãzinha, Elizabeth Fava, contava 5 anos, quando Sidney faleceu.

**Tudo está sendo analisado pelas
Forças Superiores que dominam a vida.**

Emmanuel

**Ceder o pão que excede em nossa mesa é dever,
mas fazer de nossa existência
um estímulo ao bem para quantos
nos rodeiam é caridade.**

Emmanuel